



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
INSTITUTO DE CULTURA E ARTE
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA

CLEYTON GOMES CARNEIRO

**REFLEXÕES SOBRE PROJETO DE VIDA E SUA CONSTRUÇÃO: A
CONTRIBUIÇÃO DA FILOSOFIA EXISTENCIALISTA DE SARTRE JUNTO AOS
ALUNOS DO ENSINO MÉDIO**

FORTALEZA

2021

CLEYTON GOMES CARNEIRO

REFLEXÕES SOBRE PROJETO DE VIDA E SUA CONSTRUÇÃO: A
CONTRIBUIÇÃO DA FILOSOFIA EXISTENCIALISTA DE SARTRE JUNTO AOS
ALUNOS DO ENSINO MÉDIO

Dissertação apresentada ao programa pós-graduação em Filosofia da Universidade Federal do Ceará, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Filosofia. Área de concentração: Ensino de Filosofia.

Orientador: Prof^a Dr^a Fátima Maria Nobre Lopes.

FORTALEZA

2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- C288r Carneiro, Cleyton Gomes.
Reflexões sobre projeto de vida e sua construção : a contribuição da Filosofia Existencialista de Sartre junto aos alunos do Ensino Médio / Cleyton Gomes Carneiro. – 2021.
89 f.
- Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Instituto de cultura e Arte, Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Fortaleza, 2021.
Orientação: Prof. Dr. Fátima Maria Nobre Lopes.
1. Ensino de Filosofia. 2. Existencialismo. 3. Conscientização. I. Título.

CDD 100

CLEYTON GOMES CARNEIRO

REFLEXÕES SOBRE PROJETO DE VIDA E SUA CONSTRUÇÃO: A
CONTRIBUIÇÃO DA FILOSOFIA EXISTENCIALISTA DE SARTRE JUNTO AOS
ALUNOS DO ENSINO MÉDIO

Dissertação apresentada ao programa pós-graduação em Filosofia da Universidade Federal do Ceará, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Filosofia. Área de concentração: Ensino de Filosofia.

Aprovada em: ___/___/_____.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a Dr^a Fátima Maria Nobre Lopes (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Adauto Lopes da Silva Filho
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Océlio Jackson Braga
Universidade Estadual do Ceará (UFPI)

A Deus.

À minha mãe, Francisca Rodrigues.

Aos minha filha: Miranda Gomes.

À minha Orientadora, Prof^a Dr^a Fátima
Nobre.

A todos os professores do mestrado em
Filosofia (UFC).

AGRADECIMENTOS

A Deus, que me auxiliou em todos os momentos, não permitindo o abandono do projeto.

À minha mãe que sempre acredita que em todos os momentos eu posso vencer.

À minha filha Miranda, razão do meu viver e base do que sou.

À minha professora orientadora Dr^a Fátima Nobre que acreditou em todos os momentos, me tratando como amigo e filho, meu eterno agradecimento.

Ao meu amigo, professor Francisco Eliandro que me motivou durante esses anos de trabalho.

A todos, minha eterna gratidão.

“Nasci para satisfazer a grande
necessidade que eu tinha de mim
mesmo.” (Jean Paul Sartre).

RESUMO

O trabalho situa a discussão nos campos da filosofia existencialista de Sartre e sua contribuição para a educação dos jovens por meio da Disciplina de Filosofia, como um dos pontos do conteúdo programático, para os alunos do ensino médio que, por estarem em fase de desenvolvimento, necessitam dessa discussão para que haja a possibilidade de sua compreensão sobre a dimensão ontológica do para si, as noções de liberdade, de ética e da existência humana, para fins de entendimento da própria existência. No início discutiremos sobre ontologia e existencialismo no contexto histórico sob o ponto de vista sartreano, bem como suas principais categorias: liberdade, ser-em-si, ser-para-si, ser-com-outros; compreendendo e articular os conceitos fundamentais do existencialismo, como forma de facilitação para o entendimento da relação entre o seu pensamento e a formação humana com o desafio da ressignificação existencial. Por fim, como metodologia, faremos uma análise, por meio de questionário aberto, aplicado a alunos do ensino médio, para verificar até que ponto a teoria existencialista de Sartre pode contribuir para a sua compreensão acerca das categorias supracitadas. Em suma, objetivamos perceber/demonstrar como o existencialismo sartreano, por meio do ensino de Filosofia na escola, pode contribuir para a reflexão, conscientização e para as escolhas do aluno e, conseqüentemente, para a construção de uma base moral e ética de suas próprias ações.

Palavras-chave: ensino de Filosofia; existencialismo; conscientização.

ABSTRACT

The work situates the discussion in the fields of Sartre's existentialist philosophy and its contribution to the education of young people through the Discipline of Philosophy, as one of the points of the syllabus, for high school students who, being in the development phase, they need this discussion so that there is the possibility of their understanding of the ontological dimension of the self, the notions of freedom, ethics and human existence, for the purpose of understanding their own existence. In the beginning we will discuss ontology and existentialism in the historical context from the Sartrean point of view, as well as its main categories: freedom, being-in-itself, being-for-itself, being-with-others; understanding and articulating the fundamental concepts of existentialism, as a way of facilitating the understanding of the relationship between his thought and human formation with the challenge of existential resignification. Finally, as a methodology, we will make an analysis, through an open questionnaire, applied to high school students, to verify the extent to which Sartre's existentialist theory can contribute to their understanding of the aforementioned categories. In short, we aim to perceive / demonstrate how Sartrean existentialism, through the teaching of Philosophy at school, can contribute to reflection, awareness and to the student's choices and, consequently, to the construction of a moral and ethical base of their own actions.

Keywords: Philosophy teaching; existentialism; awareness.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
2	ONTOLOGIA E EXISTÊNCIA NO PENSAMENTO DE SARTRE.....	14
2.1	Existencialismo e Humanismo: O contexto histórico do pensamento de Sartre.....	14
2.2	Categorias ontológicas: O Ser-em-si; O Ser-para-si; O ser-para-outro	17
2.3	Condição ontológica e existencialismo	22
3	A LIBERDADE DE ESCOLHA E A RESSIGNIFICAÇÃO EXISTENCIAL	29
3.1	A existência precede a essência.....	29
3.2	A resignificação da consciência	31
3.3	A liberdade como responsabilidade.....	35
4	CONTRIBUIÇÃO DO ENSINO DE FILOSOFIA PARA FORMAÇÃO E ESCOLHA DO PROJETO DE VIDA DOS ALUNOS DO NÍVEL MÉDIO	39
4.1	A filosofia Sartriana como mediação para formação humana	46
4.2	Breve histórico da Escola e o perfil do aluno participante	52
4.3	Reflexões sobre os dados de pesquisa	54
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	79
	REFERÊNCIAS.....	81
	ANEXO A – QUESTIONÁRIO APLICADO AOS ALUNOS DE FILOSOFIA DO ENSINO MÉDIO DA ESCOLA E.E.M. GOVERNADOR ADAUTO BEZERRA NA CIDADE DE MASSAPÊ - CE	84
	ANEXO B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE.....	87

1 INTRODUÇÃO

O início de todo e qualquer trabalho concebe a abertura que transportará a obra que se escolhe para efetuar sua escrita com intuito da contribuição da clara compreensão do leitor. Através dessa perspectiva, o comprometimento do pesquisador é considerado enorme, uma vez que se tem como compromisso oferecer aos leitores um contato mais aproximado com o pensamento do autor de acordo com os objetivos que serão destacados posteriormente.

Assim, a proposta desse trabalho em questão não está em apresentar de forma integral as questões sobre o existencialismo de Sartre, mas sim, pelo menos colocá-lo diante de grandes questões filosóficas que podem vir a tornarem-se ferramentas práticas, servindo de estímulo para servir de norte para compreender os desafios que a filosofia nos proporciona e de como essa pode nos auxiliar em nossas escolhas tanto para o bem individual quanto para o bem coletivo.

Dessa forma, é imprescindível salientar de início que este trabalho encontra-se dividido em três grandes partes, onde no primeiro discutiremos de forma breve sobre o contexto histórico do pensamento de Sartre e as principais categorias de sua filosofia existencialista tratando sobre sua trajetória como escritor de forma breve, objetivando, posteriormente, compreender e articular os conceitos fundamentais destacados pelo autor, como forma de facilitação na compreensão, entendimento promovendo o acesso às peculiaridades e características próprias de seu existencialismo.

No segundo capítulo, os principais conceitos que articulam a filosofia do nosso autor francês serão apresentadas e discutidas: liberdade, responsabilidade, a existência como a única forma para o homem de se achar no mundo nos levando a compreensão de como o Ensino de Filosofia pode nos auxiliar a compreender nossa própria existência e, a partir disso, ressignificar nossas escolhas.

Enquanto que no terceiro capítulo, trataremos de como o existencialismo sartreano pode contribuir na construção de uma base moral e ética educacional, escolar onde o aluno pode compreender suas escolhas através de sua própria reflexão a respeito da liberdade, escolhas e consequências dessas escolhas. Este concebe a pedra fundamental do trabalho, o qual faz alusão, de maneira inevitável, o núcleo da tese a qual almeja subjugar as barreiras terminológicas e transpor, no sentido de elucidar o tema escolhido com robusta conexão, especialmente porque

Sartre dialoga acirradamente com a problemática aprofundada na procura de melhor esclarecer as questões de emancipação da consciência, liberdade e planejamento de futuro através de propostas pedagógicas, uma vez que o indivíduo é o único responsável por suas escolhas.

Sartre tem como objeto decisivo de sua pesquisa o homem, sendo a referência que será mantida no presente trabalho, entretanto, nessa presente pesquisa, ante de sua extensão das considerações do Ser, Eu e Homem necessitarão ser compreendidos como formas sinônimas, evadindo assim, algum desacordo hermenêutico. Neste sentido, permite também determinados notas no sentido de avalizar o autêntico pensamento sartreano para a resolução de possíveis problemas com traduções e compreensão dos termos traduzidos do francês, idioma materno do pensador, para o português.

Em vista disso, a compreensão de autonomia precisa ser abarcada dentro das imediações da filosofia sartreana, ou ainda, tendo como equivalência a ação concreta do homem precedente da liberdade compreendida enquanto indeterminação, assim, com relação à utilização da palavra doutrina, essa está correspondendo às demonstrações da expressividade da linha existencialista, a qual vem desde o seu início reunindo defensores e pesquisadores para sua melhor compreensão.

Em Sartre localizamos este acordar do homem para si mesmo, voltar-se totalmente para dentro de si, uma vez que a construção de sua vida está pautada em suas escolhas e quais consequências elas resultam. Assim, tornam-se possíveis métodos de aplicação desse pensamento no tocante a vida prática, como dita anteriormente, onde a existência se afirma, se determina. Conquanto presente registrado o ápice de sua filosofia no século XX, ainda podemos em nossos dias nos deparar, em sua obra, com questões que nos estimulam a analisar e discutir suas ideias, que podem ter grande contribuição tanto a nível social quanto a individual.

Nesse momento que envolve a abertura secular de suas obras, notamos que sua filosofia acarretou inúmeros incômodos para a igreja e para todas as gerações que advieram de sua filosofia, assinalada de existencialista, uma vez que ela dar todo o poder de escolha, e as consequências da mesma, nas mãos do sujeito. Sartre nos evoca o nosso cuidado sobre a vivência de uma verdade, que durante muito tempo foi calada ou ao menos o despertar pelo interesse de embrenhar-se neste implexo e denso pensamento.

Na experiência da existência nos encontramos com a dificuldade clássica da essência para a apreensão concreta dos episódios sensíveis, neste ponto há um rompimento para que se constitua uma nova percepção de concepção da existência, uma vez que para Sartre “a existência precede a essência”, sendo assim, não há lugar para a existência de uma alma, no sentido transcendental e nem de um Deus, já que é no homem, e somente pelo homem, através da existência, que é forjada a sua essência.

Para este manifesto o indivíduo se perfaz ao se concatenar com o gênero humano exterior em um processamento de dialeticidade no qual não há um desaparecimento, isso em consequência da temporalidade, esse conteúdo é primordial com o objetivo de o conhecimento do existencialismo, já que os atributos dos objetos necessitam de uma existência para afirmá-los enquanto seres. Percebemos por isso que as concepções que cristalizam este pensamento são peculiares e sua análise minuciosa sustentará a questão a ser defendida.

O homem nesse sistema é recebido que nem um ser existencial, ele tem sua única essência em um mecanismo de transitividade, no qual privado a ele coisa nenhuma há, às restantes coisas, se há, há visto que o indivíduo há, caso negativo não teria significância, uma vez que o homem há e oferece interpretação às coisas e a si inclusive. Nesse cometimento existencial, o homem é definido por um requisito especialmente humana, isto é, inacabada e projetada com finalidade de vida no agrupamento com os outros homens.

Esse requisito, essa forma de ser na soma, gera um controle interior e exterior, no qual podemos reconhecer a figura de limitações evitáveis e inevitáveis. Essa situação do homem faz que o existencialismo tematize questões que colocam o homem no centro, por exemplo, o medo, a angústia, a lassidão, a nostalgia e agonia, proposições umbilicalmente relacionados ao homem, no mesmo momento em que se acha efetivo no mundo. Vemos que dessa emancipação existencial surge uma percepção de esvaziamento ou atrofiamento da moralidade que contrasta com a objetividade disposição firmada de um ponto de ideia coletivo no gênero humano.

A autonomia humana, assunto emblema do existencialismo, justifica este rompimento em consequência de todo ordenamento universal a qual se existir chocaria com a identidade do ser. Sendo assim, podemos inferir que esse ser determina sua vontade no seu decurso de singularização, no movimento de

hominização. Nesse sistema, a compreensão diretriz passa através da construção da interioridade desse ser que o indivíduo é e deve ser propriamente.

Numa prospectiva existencial, Deus não possui ingerência neste processamento de tornar-se homem libertado e existencialmente concedido de independência, capaz de supervisionar, declarar e desenvolver o seu destino. Deus, nesse intuito, é uma dificuldade para o existencialismo, o parâmetro que Deus torna-se um problema a ser ultrapassado, em benefício do assentamento do homem totalmente autônomo, ilimitado até das amarras de um ser transcendente.

Este é um debate intrigante e por meio dele podemos avaliar na viabilidade de que para Sartre é dessa maneira que Deus apresenta-se como uma questão que precisa ser enfrentado filosoficamente, na procura de atender a diversas questões conceituais que dizem relação à existência do homem. Nestas circunstâncias, sabemos que a expressão altera a veracidade das coisas, nos seduz, nos exalta e pode nos acarretar a uma decadência sem retorno, no entanto encontra-se apresentado a dificuldade: querer ou findar? Para Sartre a morte vem de fora e o refletir está no ser para si em uma correlação com o outro.

Possuímos também a dificuldade de uma linguagem difusa que foge da linguagem do instante da história no qual esta corrente foi forjada, o que nos exige um frequente estímulo para exibir o raciocínio sartreano sendo constantes as intenções e metas dos seus conceitos, considerando o conteúdo sócio histórico do respectivo pensador francês: sua origem, a disciplina lhe fora impostas no estágio de sua constituição, bem como a realidade histórica em que viveu. Isto será realizado pela ultrapassagem de uma exigência intrínseca de nós humanos, igualmente, sabemos ou no mínimo imaginamos que terá uma coisa que a linguagem não tocará, visto que exigirá um maior afinco do ato de refletir.

Nesse intuito, a linguagem é alvo nodal, uma vez que ao longo toda a evolução histórico-concreto encontramos-nos em consequência de ao seccionamento das realidades, das verdades criadas pela imaginação verbalizada da linguagem. Essa natureza seccionadora e definidor de verdade que a linguagem tem a pensamento de Deus, a título de exemplo, constitui uma provocação perpétuo para os grandes pensadores que recuaram perante da incompreensibilidade de alcançar o que se buscava compreender, curvando-se a uma simples palavra chamada Deus, tendo dessa maneira, suas teses solapadas pelo esvaziamento de seu entendimento. No espaço da durabilidade, há uma coisa de misterioso que convida

ao interesse, não um simples interesse, porém aquele interesse que nasce pela complicação de se alcançar o que se deseja.

Em Sartre, pode ser que o coeficiente histórico-social, principalmente da época no âmbito de guerras tenha filosoficamente o inibido. Não obstante, por meio de dos seus escritos literários é notória a figura de sua singular linguagem que ecoa e, muito, afirma que Deus, existindo ou não, não interfere na vida dos indivíduos, não faz nenhuma diferença para os homens. O indivíduo existe pela via estreita, uma passagem arriscada. Assim, a partir de sua obra-prima *O Ser e o Nada*, podemos reconhecer essa assertiva onde o mesmo reconhece a autonomia do homem em sua totalidade.

2 ONTOLOGIA E EXISTÊNCIA NO PENSAMENTO DE SARTRE

2.1 Existencialismo e Humanismo: O contexto histórico do pensamento de Sartre

Nascia no dia 21 de junho de 1905, em Paris, Jean Paul Sartre. Filho único, não chegou a conhecer o pai, que morreu em 1906. Viveu a primeira infância com a mãe e avós maternos em Meudon, interior da França. Segundo suas memórias, esse foi um período feliz, em que começou seus primeiros ensaios na literatura; ainda menino, escrevia histórias de capa e espada para a mãe. Em 1916, entretanto, sua mãe casa-se novamente com um engenheiro da Marinha. Esse casamento, segundo o testemunho de Sartre, transforma sua adolescência no pior período de sua vida. O temperamento autoritário do padrasto militar causa os conflitos familiares que o acompanharam até 1920, quando sai de casa para estudar.

Os anos 20, conhecidos como *Belle Époque* (bela época), foram de muitas emoções e crescimento na vida pública e social, em uma Europa que acabava de experimentar os horrores da primeira guerra mundial (1914-1918), para nosso autor francês, é um período de dedicação aos estudos. A partir de 1924, os cursos de filosofia e psicologia na escola normal superior em Paris, são por ele seguidos. Quando se preparava para o exame de *agrégation* (habilitava recém-formados para lecionar). Em 1929, conhece Simone de Beauvoir, para ele, Simone foi uma das figuras mais relevante em sua trajetória e que o seguiria até sua morte.

Sartre nunca desejou uma carreira universitária, e durante muitos anos ministrou aulas em escolas de segundo grau, porém nunca deixou de escrever. Enquanto prosseguia seus estudos, inicia a produção de sua obra filosófica e literária. Nos anos 30, escreve a maior parte dos textos que antecedem o chamado “encontro com a história”, ou seja, a discussão e a incorporação da teoria marxista em sua obra, que se dará a partir do final dos anos 40. A temática desses primeiros textos, entretanto, jamais será totalmente abandonada e é seguramente neles que podemos encontrar um norte, o sentido da obra sartriana.

O início da década de 40 foi marcado pela segunda guerra mundial. Foram os anos mais difíceis para a Europa no século XX. O número de pessoas que morreram e que ficaram feridas nessa guerra é de milhões; com certeza, todos os

européus tiveram suas vidas afetadas. Paris foi invadida e tomada pelo exército alemão. No esforço de reconstrução da Europa, em 1945, fim da guerra, surge a moda existencialista. É até bem compreensível que uma geração conhecedora dos horrores da guerra fosse de uma forma bem natural pessimista, ao mesmo tempo inconformada. O que significava, então, ser existencialista?

Na década de 40, em sua segunda metade, segundo Moutinho (1995, p.11), declarar-se “sou existencialista” carregava um bom peso. Estava além do que de forma simples, ser seguidor de uma filosofia, um credo, uma religião; era acima de tudo adotar uma postura. Afirmar-se como existencialista trazia para si provocações e escândalos, pois fundia-se com uma forma indisciplinada de encarar a vida. Sartre narra o episódio em que uma senhora, tendo deixado escapar, por nervosismo, uma palavra vulgar, se desculpou dizendo: “acho que estou ficando existencialista...”

Nessa época, essa postura foi adotada em sua maioria pelos jovens, apontando com essa atitude uma diferença de geração. Também, não é por acaso que, ainda hoje, a mídia costuma associar o existencialismo aos movimentos de mudança de comportamento que então se seguiram, como *The Beatles* nos anos 50, o *hippie* nos anos 60, entre outros.

Como indica a própria palavra, o existencialismo caracteriza-se, sobretudo pela tendência de colocar o acento na existência. O existencialista desinteressa-se das essências, dos possíveis, das noções abstratas: situa-se nas antípodas do pensamento matemático; seu interesse dirige-se ao que existe, ou melhor, à existência daquilo que existe (FOULQUIÉ, 1975, p. 37).

Amplificado, o uso do termo “existencialista” era usado para inúmeras circunstâncias: falava-se que tal pintor ou tal músico é existencialista; um cronista de um jornal da época se assinava “O existencialista”. Seu uso abusivo estava agora ligado, no contexto da época, a atitude: indisciplinadas, rebeldes, individualistas, solitárias e quase sem esperança.

Em 1945, Sartre realiza uma conferência que se torna célebre: “O existencialismo é um humanismo”. Ele procurava então defender o existencialismo das críticas que lhe eram feitas e explicar para um público leigo alguns dos conceitos dessa filosofia. Afinal, como ele próprio afirma:

A maioria das pessoas que utiliza este termo [existencialismo] ficaria bastante embaraçada se tivesse de justificá-lo (...). Na verdade, essa palavra assumiu atualmente uma amplitude tal e uma tal extensão que já não significa rigorosamente nada (SARTRE apud MOUTINHO, 1995, p. 12).

Mas, de forma breve, o que Sartre nos deixou escrito sobre essa filosofia? O existencialismo criou, nos agraciando com uma das expressões mais conhecidas do vocabulário filosófico: “A existência precede a essência”. Qual seu significado?

Refletindo um pouco sobre os objetos que nos cercam, iremos sem muitos esforços chegar à conclusão que todos eles, antes de existirem como estão todos chegaram ao seu acabamento segundo um projeto, uma receita de como fabricá-los, e todos têm uma finalidade estabelecida anterior a sua criação (por exemplo, antes de se fabricar uma caneta, há uma técnica de como fazê-la, e ela é feita para uma finalidade, precisa estar no projeto do sujeito que irá forjar antes que exista de fato como caneta). Dessa forma, antes da caneta está em minhas mãos para usá-la, havia o projeto que designava sua fabricação e sua finalidade. Nesse caso, podemos dizer que a essência precede a existência.

Essa reflexão, na perspectiva existencialista, nos seres humanos tal lógica não se aplica. É preciso ter em mente que o existencialismo de Sartre é ateu, então a ideia de Deus aqui não se enquadra. Nesse caso, se Deus não existe para criar o homem à sua imagem e semelhança, com um fim pré estabelecido, então esse homem apenas existe, e a sua essência se construirá no decorrer de suas ações enquanto a própria existência lhe oportuniza isso.

Segundo Sartre (1997), isso afirma que o homem antes de qualquer coisa é livre. Destino não há, nem vontade de Deus que coloca o homem como predestinado. Em todas as suas ações, o homem só pode contar com seu próprio auxílio, não há outra força que o possa guiar no mundo, apenas ele próprio. E isso nos leva a concluir que o homem está diante de uma enorme responsabilidade. Não podemos fazer isso ou aquilo por vontade de Deus ou por medo de sua punição. Uma moral que guia os valores cristãos durante séculos, não serve para essa filosofia. Assim o existencialismo abriu portas para uma moral laica, sem a presença do criador.

É muito provável que a filosofia existencialista tenha ajudado a unir o pensamento de Sartre a ações rebeldes e contribuído para que o existencialismo se tornasse popular. No entanto, Sartre procura deixar notório que o existencialismo

não pode ajudar pessoas a procurar agitações, ao invés disso, o existencialismo é uma doutrina difícil de suportar, ainda que seja fácil defini-la.

O que popularizou Sartre foi, basicamente, a sua obra literária, principalmente as peças de teatro, e não *O ser e o nada* nem quaisquer outros textos filosóficos por ele publicados até então. Foi um pensador inigualável caminhava em diversos campos de conhecimento com a impaciência de quem se encontra sozinho, procurando respostas cujas perguntas constantemente estiveram existentes ao longo de toda sua trajetória. Erudito, filósofo, romancista, escritor de inúmeras peças de drama, ensaísta, crítico, militante público, esteve totalmente alinhado na sua época e através dele encarnou a consciência e as contradições através de seu pensamento.

Vem daí, em grande medida, a razão do sucesso de Sartre: ele não era apenas um filósofo, mas também dramaturgo e romancista. Comunicava-se com o público por outros meios que não apenas os textos conceituais. Aliás, sobre isso, vale lembrar que *O ser e o nada*, um dos seus livros mais importantes, quando sua publicação em 1943 passou quase inteiramente despercebida.

Sartre torna-se o guru do existencialismo a partir de setembro e outubro de 1945, quando acabava de completar 40 anos. Até então, tinha publicado alguns textos de filosofia em revistas especializadas, voltadas para um público muito específico, e outros em forma de livro, também com público restrito.

2.2 Categorias ontológicas: O Ser-em-si; O Ser-para-si; O ser-para-outro

A filosofia de Sartre é uma rede complexa de interconexões. O primeiro desafio encontrado por qualquer comentarista sério sobre Sartre é de conseguir penetrar nesta rede intrincada dos seus pensamentos, sem que o leitor fique confuso; uma confusão que poderia alimentar a concepção errada de que o pensamento de Sartre seja um emaranhado de ideias malformadas. É claro que Sartre tem uma maneira bem fora do contexto normalizado de desenvolver um argumento, mas de maneira alguma ele reluta em mencionar as diversas implicações do seu pensamento. Devemos mencionar também que, assim como qualquer outro grande pensador, muitos dos produtos da sua mente fértil requerem esclarecimento e desenvolvimento.

A melhor maneira de penetrarmos na rede complexa do pensamento de Sartre é examinar suas opiniões sobre o relacionamento entre o ser e o não-ser (o nada). Este relacionamento, como o título do seu principal trabalho, *O Ser e o Nada*, sugere, é o foco de sua inteira filosofia e fundamenta todos seus aspectos.

Compreender, portanto, a lógica deste relacionamento é o ponto-chave na simplificação das complexidades de Sartre e no entendimento de suas muitas formulações paradoxais e bem característico. Para compreender a lógica deste relacionamento é necessário que sigamos aquilo que mais se assemelha a uma pista a ser encontrada no labirinto do seu sistema.

Segundo Cox (2010), quando examinado o relacionamento entre o ser e o não-ser fica explícito o status de negação como foi concebida por Sartre. Tornar explícita a visão de Sartre sobre a negação é importante para o objetivo maior de deixar explícita sua visão da consciência, pois a consciência, concebida por ele, é fundamentalmente um não-ser em relação ao ser que existe como uma negação do ser.

Apesar de Sartre manter que a única coisa que pode ser dita sobre o ser-em-si é que ele existe independente do não-ser, ele tenta elaborar sobre a pura existência do ser-em-si, de várias maneiras: “é uma positividade total. Não conhece nenhuma outra identidade; nunca se posiciona como é o caso da negação como outro-além-de-outro-ser” (COX, 2010, p. 21). Como tudo o mais é logicamente subsequente ao ser-em-si, não poderíamos dizer que o ser-em-si deriva do possível.

De acordo com Sartre (1987), o possível é uma estrutura daquilo que é logicamente subsequente ao ser, por exemplo, o *ser-para-si*. E nem o ser-em-si pode ser reduzido ao necessário. Se fosse necessário, seria determinado como aquilo que não pode ser, quando na realidade é em si mesmo, totalmente sem determinação. Esta é a contingência ou superfluxo do ser-em-si.

O ser é superfluxo... consciência absoluta que não pode derivar o ser do nada, nem de outro ser ou de uma possibilidade, ou até mesmo uma lei necessária. Não criado, sem razão para ser, sem nenhuma conexão com outro ser, ser-em-si é o de mais para a eternidade (SARTRE, 1987, p. 95).

Tudo que realmente pode ser dito sobre o ser-em-si, de acordo com Sartre, é que ele é. Um relato mais detalhado pode se dado, entretanto, da visão de Sartre sobre o não-ser. A consciência, de acordo com Sartre, é fundamentalmente e

ontologicamente um não-ser em relação ao ser; uma negação do ser. Portanto, o seguinte relato sobre a visão de Sartre a respeito do não-ser deve ser entendido como um relato de sua visão do ser da consciência em nível ontológico.

Segundo Cox (2010), o discurso de Sartre a respeito do não-ser é assim: o ser-em-si, ao contrário do não-ser, é o que é e não o que não é. Todavia, o que não é (não-ser) é. Não no sentido de ter que ser. Ao contrário do ser-em-si, que simplesmente é, sem ter que atingir seu ser, o não-ser tem que atingir, por si mesmo, seu ser como não-ser do ser-em-si, perpetuamente negando o ser-em-si. Consequentemente, Sartre chama o não-ser de ser-em-si, apesar de normalmente abreviar como para-si, que trataremos agora.

O para-si é a negação do ser. É o ser primeiramente apresentado e depois negado. Não é o não-ser do ser-em-si, é o não-ser do ser. Não é o ser do não-ser do ser-em-si, o para-si tem que perpetuamente lutar para ser o não-ser do ser-em-si, sem nunca ser capaz de se tornar o não-ser-em-si, de acordo com Sartre (HUISMAN, 2001), é o estágio perpetuamente desejado e absolutamente irrealizável do ser no qual a negação do ser se transforma numa negação-em-si. É a suma impossível do ser-para-si e o ser-em-si. Em outras palavras, é o estágio impossível do ser no qual o nada, que é a essência do ser-para-si, existe com total positividade do ser-em-si.

Se o para-si obtivesse identidade como o si, se tornaria um ser; remeteria ao ser. Portanto, o para-si possui ambos para ser o projeto perpétuo da negação do ser e poder se realizar como negação do ser, e o projeto perpétuo da negação do si e poder recusar a coincidência com o si que poderia ser sua própria destruição. “O para-si é o ser que determina o si a existir de forma tal que não possa coincidir com o si” (SARTRE, 1997, p. 78).

Para evitar um colapso de volta ao ser ou, para ser mais exato, para não sofrer um colapso no puro não-ser que deixou somente o ser o para-si tem que ser ambos, uma afirmação negada e uma negação afirmada. A afirmação que é negada é o ser-em-si; a negativa que é afirmada é a negativa do para-si de si mesmo como negativa-em-si; isto é, a negativa do si como o para-si-em-si. Incapaz de ser um ser determinado no si, como um ser ou não-ser, o para-si tem que ser uma dupla negação perpétua. Sartre (1997), descreve a natureza paradoxal do para-si numa série de formulações que são importantes para toda sua teoria:

É um ser que não é o que é [o ser] e que é aquilo que não é [o nada] (SARTRE, 1997, p.79).
 A realidade humana é constituída como um ser que é aquilo que não é e que não é aquilo que é (Ibidem, p. 63).
 Atualmente ele não é aquilo que é (passado) e é aquilo que não é (futuro) (Ibidem, p. 123).

O ser-para-si expressa o ser da consciência num nível fundamental ou ontológico. Quando discute o para-si. Sartre, algumas vezes, dá a impressão de que está se referindo a uma única essência metafísica. A razão para isso é, talvez, simplesmente o hábito de se referir a ele como o para-si que tem a tendência de sugerir um único universal modo de ser. Isso, entretanto, não é sua intenção, e geralmente ele é bem claro sobre o ser-para-si ser sempre e somente o caminho do ser de cada consciência individual incorporada.

Sartre insiste que alguma luz é direcionada a estes milhares de projetos individuais, assim como alguma luz é direcionada em todos os projetos individuais de vida, considerando-os em termos de relacionamento entre o para-si e o em-si.

Até o agora, foram consideradas o ser-em-si e o para-si, todas elas estruturas da subjetividade humana, entretanto há outro aspecto dessa subjetividade que iremos tratar agora. Este é o ser-para-outros. Segundo Cox (2010), o ser-para-outros é responsável pela vergonha, um dos modelos da consciência. A vergonha é para a consciência, e uma pessoa está envergonhada até onde está consciente da vergonha. Apesar da vergonha ser uma estrutura do si, uma pessoa não a constrói para si e consigo mesma. Para Sartre (1997, p. 221), “a vergonha não é originalmente um fenômeno de reflexão... ela é, em sua estrutura primária, a vergonha diante de alguém”. Entender o que está envolvido em ser visto como uma experiência que não é meramente compreendida, mas sim vivida, é entender o significado e importância do ser-para-outros.

Os seres humanos são objetos. Eles estão extremamente relacionados a outros objetos e que são afetados pelas mesmas forças físicas que afetam todos os outros objetos. Porém, apesar dos seres humanos serem objetos e o outro um ser humano, não é como um objeto que o outro de forma original é revelado a mim. Sartre explora o fenômeno do encontro e sobre a forma que o outro é revelado através de vários exemplos.

O primeiro exemplo é determinar algumas estruturas que ajudarão a entender o principal assunto em que Sartre está interessado: do ser encontrão. Eu

vejo um homem na rua sozinho. Imediatamente, minha percepção da presença do homem na rua afeta minha situação. A aparência do homem constitui o início da desintegração do mundo pelo meu próprio ponto de vista. Repentinamente, a situação, que era minha para ser aliviada como eu quisesse, contém uma nova fonte de valores que não são meus e que fogem da minha alçada. “O surgimento do outro no mundo corresponde a um deslizamento localizado de todo o universo, a uma descentralização do mundo que debilita a centralização que eu estou, simultaneamente, afetando” (SARTRE, 1997, p. 255).

A reorientação do mundo em relação ao homem, o fato de que significados desconhecidos a mim fluem em sua direção, o constitui como um sistema de escoamento no qual minhas próprias palavras somem. Num deserto, no qual uma pessoa aprecia a solidão, quando encontra um estranho, tudo pode ficar mais movimentado que uma rua cheia de gente. Nesse quadro o outro é somente um tipo especial de objeto. Apesar de ser um dreno em meu mundo e uma ameaça a centralização que eu afeto, ele permanece como um objeto em meu mundo. Entretanto, pelo fato de ele ser reconhecido como uma ameaça a minha centralização, sugere que existem ocasiões em que esta ameaça é percebida; ocasiões quando ele afeta a reorientação radical do meu ser.

Quando descreve esta reorientação radical Sartre (1997), oferece o seguinte exemplo: ele nos leva a imaginar uma pessoa invejosa, curiosa ou corrupta que, quando se vê sozinha, ouve por detrás das portas fechadas e espiona as pessoas através dos buracos das fechaduras. Enquanto está voltado para os próprios pensamentos em suas ações, ele as é.

Sartre (1997), argumenta que quando uma pessoa experimenta a si mesma da mesma forma que os outros a veem, ela imediatamente deixa de ser um objeto transcendente, um puro ponto de vista no mundo, e se trona, ao invés disso, um objeto no meio do mundo, visto pelo ponto de vista do outro. Experimentar a si mesmo como um objeto para outro é experimentar o outro como sujeito. É esta experiência direta e imediata do si como um objeto para a subjetividade do outro que revela o outro a ele como o outro. “O outro, como um aspecto, é somente isso – minha transcendência transcendente” (Ibidem, p. 263).

Como uma transcendência, ele escapa do significado do seu ato. Como uma transcendência-transcendente, o significado do seu ato o escapa e está perdido para ele. De repente, pertence ao outro. A posse do significado do seu ato pelo outro

é a negação da sua livre capacidade de se interpretar. Sua liberdade é subjugada pela liberdade do outro.

Um julgamento é o ato transcendental de um ser livre. Portanto, ser visto, me constitui como um ser indefeso para uma liberdade que não é minha liberdade. É neste sentido que podemos nos considerar como “escravos”... Até onde eu sou objeto de valores que me qualificam, sem que meu ser seja capaz de agir nesta qualificação ou até mesmo saber dela, eu estou escravizado (SARTRE, 1997, p. 267).

O ser-para-outros de uma pessoa é, em grande parte, o ser que ela é aqui, mas é lá, para o outro, até onde o outro é livre para interpretar e avaliar suas ações como bem entender. O ser-para-outros de uma pessoa constitui uma gama enorme de suas possibilidades, possibilidades estas que são alienadas. Elas não são possibilidades que a pessoa mantém e controla através de sua própria transcendência, mas sim, possibilidades estabelecidas pela transcendência do outro.

É compreendendo o olhar do outro, no centro dos meus atos, como solidificação e alienação das minhas próprias possibilidades. No medo ou na antecipação ansiosa ou prudente, eu percebo que estas possibilidades que eu sou e que são a contribuição da minha transcendência são, também, dadas ao outro, e dadas quando estão para ser transcendidas por suas próprias possibilidades (SARTRE, 1997, p. 263).

A vergonha é uma forma na qual o ser-para-outros é revelado existencialmente. Justamente com a vergonha podemos listar alguns fenômenos como a culpa, embaraço e paranóia. Entretanto o ser-para-outros não está limitado a estes estados desagradáveis do ser. O ser-para-outros também é responsável por estados agradáveis, assim como estar orgulhoso ou se sentir lisonjeado. O prazer é obtido porque uma pessoa se transforma no objeto para o outro, apreciando renunciar responsabilidades a sua livre transcendência, uma responsabilidade que pode muito bem ser uma fonte de angústia, podendo também sentir prazer na reflexão sobre o objeto de prazer que é para o outro.

2.3 Condição ontológica e existencialismo

Liberdade seria a mesma condição ontológica, a realidade do homem que o leva a compreender as vidas em suas individualidades em grupo, em sociedade

como interações realizáveis. Sartre faz críticas amargas ao determinismo¹ e teorias que compõem o homem carregadores de uma natureza assim como a razão é receptáculo da história.

Sartre considera que o homem é um projeto em plena vida em um movimento que nega o que foi, nesse caso, seu passado, projetando-se para o que ainda não é, o que almeja, o que deseja com esse movimento de infundáveis e sucessivas escolhas, seu futuro. Esse movimento interminável é seu fazer-se, seu projeto inacabado.

Pois queremos dizer que o homem, antes de mais nada, existe, ou seja, o homem é, antes de mais nada, aquilo que se projeta num futuro, e que tem consciência de estar se projetando no futuro. De início, o homem é um projeto que se vive a si mesmo subjetivamente ao invés de musgo, podridão ou couve-flor; nada existe antes desse projeto; não há nenhuma inteligibilidade no céu, e o homem será apenas o que ele projetou ser (SARTRE, 2013, p. 6).

Passado e futuro, são essas dimensões temporais, campos que oportunizam o aparecimento da objetividade humana através de suas ações na vida singular e social. A subjetividade se estabelece via a um conjunto de racionalidades, a que se pode qualificar de inteligibilidade, em outras palavras: coleção de elementos, valores unificados, sistematizados, que transpassa todas as atitudes individuais, presentes na esfera sociológica, essa realiza a mediação, apropriação reflexiva do sujeito no contexto social, resultando numa certa experimentação psicofísica, no plano singular.

Popper (1975) realiza bem a distinção entre as duas formas de conhecimento:

O subjetivo que se poderia chamar melhor conhecimento organísmico, pois consiste das disposições de organismos, e conhecimento objetivo, ou conhecimento no sentido objetivo, que consiste do conteúdo lógico de nossas teorias, conjecturas, suposições e se preferirmos, do conteúdo lógico de nosso código genético (p. 77-78).

Popper considera como padrão de conhecimento objetivo, as teorias publicadas em revistas e livros que condicionados em bibliotecas, guardam as

¹ Esse termo relativamente recente (Kant é um dos primeiros a empregá-lo em *Religion*, I, Obs. ger., nota) compreende dois significados: ação condicionante ou necessitante de uma causa ou de um grupo de causas; a doutrina que reconhece a *universalidade* do princípio causai e portanto admite também a determinação necessária das ações humanas a partir de seus motivos (ABBAGNANO, p. 245).

discussões dessas teorias. Para este filósofo, é preciso “erigir uma teoria do conhecimento na qual o sujeito conhecedor, o observador, desempenha papel importante, mas só muito restrito” (Ibidem, p. 77). Da mesma maneira que empregamos o conhecimento objetivo na criação de nossas crenças subjetivas pessoais, a estrutura empírica da ciência objetiva, não tem nada de absoluto.

É possível então afirmar que a subjetividade em Sartre é fundada com base nas experiências de um sujeito concreto, com a objetividade da realidade concreta que se desloca pela mediação das comunidades aos quais pertence. Assim, o homem interioriza saberes de fora, saberes ligados a sua vida social.

Instituído em uma dada materialidade, essa maneira de interiorização do sociológico, localizada no tempo e no espaço, é múltiplo em cada ser humano, por um motivo simples: depende de como o sujeito irá construir suas apropriações das experiências vindas das relações com o mundo a sua volta, de acordo com as mediações que se encontram na história de vida de ser, o resultado é um saber-de-ser que é próprio, singular-universal, no qual se encontra a qualidade do que é, e do que pode ser compreendido de uma dada época, que se organiza em uma qualidade específica de compreensão de cada sujeito em ação.

Essa interioridade só existe no mundo se o sujeito a exteriorizar, colocar para fora através de sua interação com ele, o mundo, essa ação se estabelece por via da objetivação, na práxis². Inexiste a interiorização subjetiva ausente da sua exteriorização objetiva no mundo, o que autoriza apurar que o homem é uma *subjetividade objetivada*. Guiada pela escolha do ser humano está à objetivação, moderada e limitada pelo contexto sócio-histórico, todavia sem deixar de ser escolha, percebido ser a produção de uma das várias formas possíveis do humano. Temos a dimensão ontológica do homem, a liberdade em Sartre:

É superando o dado em direção ao campo dos possíveis e realizando uma possibilidade entre todas que o indivíduo se objetiva e contribui para fazer a história: seu projeto toma, então, uma realidade que o agente talvez ignore e que, pelos conflitos que ela manifesta e que engendra, influencia o curso dos acontecimentos (SARTRE, 1987, p. 153).

Contudo, diante de vários possíveis, lançar-se para o futuro através das escolhas é o ponto crucial em que a subjetividade transforma-se em objetividade,

² “a práxis é, na verdade, atividade teórico-prática; ou seja, tem um lado ideal, teórico, e um lado material, propriamente prático, com a particularidade de que só parcialmente, por um processo de abstração, podemos separar, isolar um do outro” (SÁNCHEZ VÁZQUEZ, 1977, p. 241).

tornando-se existente no mundo por meio das ações. O futuro do homem se torna o agora, esse agora só tem validade para suas vidas em seus trajetos rumo ao projetado, já que o homem tem em um futuro real seus atributos direcionados, no qual esse porvir, mesmo sendo um virtual, pois ainda não ocorreu, já afeta o homem, impulsionando-o a agir, evidenciando nessa ação a sua eleição de ser.

Considerando essa significação tratada até o momento, toda ação humana se inclina para o amanhã, o desejado, criando o atual, o agora, o já. Sartre manifesta também, através do texto citado que sendo o mundo uma construção de inúmeros projetistas, o homem não terá o absoluto comando dos resultados de suas ações nele. Motivo? Essas ações se unirão ao grupo de outras ações, ao nível comunitário, coletivo, tendo muitas vezes para o próximo um sentido diverso do que se intentou.

Não é possível garantir que o objetivo pretendido se concretize, pois a nível ontológico os indivíduos estão alienados em inúmeras relações sociais, considerando que o mundo é uma criação de todos que necessita do enredo dos projetos individuais num projeto global.

A ideia de práxis em Sartre nos leva a entender que uma realidade é viva para o ser humano. São nas ações concretas, fundamentadas, na prática, que o homem se edifica. Essa ação contínua para a exterioridade abraça um movimento para a interioridade, na qual estão seus princípios, moral, preceitos, padrões: “para se tornarem condições reais da práxis, as condições materiais que governam as relações humanas devem ser vividas na particularidade das situações particulares” (SARTRE, 1987, p. 154).

As mediações concretas do mundo na concepção de Sartre são fundamentais, principalmente ao declarar que a interioridade objetivada é a própria exterioridade, e que só se conhece um pelo outro, o filósofo existencialista está introduzindo a extensão da transcendência do eu. Nesse caso, para ele, o eu não tem formação em seu próprio interior, o mesmo forma-se a partir das mediações concretas que estão no mundo. Em sua transcendência, o eu sempre se exterioriza em uma exata movimentação para o exterior.

A partir disso, a formação do homem está ligado a partir do que é transcendente, das interações em suas vidas, sendo o ser humano um ser transcendente, ou seja, passível de ser objetivado entre os outros e as coisas, nessa trama de relações materiais e humanas que o cerca para um futuro específico,

conforme for se escolhendo. Essas mediações formam um campo onde há a multiplicidade dos possíveis que apresentam um tempo histórico. Se conhecendo, o homem acaba por conhecer seu momento, sua época, conhecendo essa época os mesmos compreendem a si e o seu próximo, porque um está intimamente, dialeticamente, formando o outro.

Na expressão do próprio Sartre, o homem vive o universal como particular. Isto não significa um determinismo: justamente por passar por uma interioridade, e por um eu que é transcendente, não se pode falar em determinismos:

Os homens fazem a sua história sobre a base de condições reais anteriores, mas são eles que a fazem e não as condições anteriores: caso contrário, eles seriam os simples veículos de forças inumanas que regeriam, através deles, o mundo social (SARTRE, 1987, p. 150).

A vertente existencialista visualiza duas formas de consciência, a primeira seria a irreflexiva, está com a ausência do EU; a segunda seria a reflexiva, neste caso o EU está presente. A consciência irreflexiva pode ser capaz de perceber com facilidade os objetos dados no mundo e capaz de imaginar objetos, imaginá-los. A reflexiva se manifesta de forma dupla: espontânea e crítica. A consciência espontânea não analisa sua referência, sua posição no mundo na relação direta entre consciência e objeto. Com ela, consciência espontânea se vive a maior parte do tempo.

O Eu no mundo situa, posiciona a consciência crítica, realiza questionamentos sobre o sentido das ações do Eu no cenário social, as consequências das escolhas para a construção e reformulação do Eu que se almeja sempre entre as pessoas que convive. A compreensão de que se existe dar-se por meio da consciência crítica, quando o homem dispensa a ideia determinista e se vê livre, lançando-se em um mundo do qual se desconectar é impossível; considerando continuamente responsável por todas suas escolhas, resultando em sua libertação e o não a alienação³ em ações diárias.

³ “o homem alienado é um homem desprovido de si mesmo. Se a história distancia o homem do animal, a alienação re-animaliza o homem. Se nos reconhecemos como um ser único e indivisível, a alienação explode a nossa individualidade, através dela o homem é a sua negação. É preciso entender como o homem se constrói, para que saibamos como ele se nega” (CODO, 1995, p. 08-09).

Não há como experimentar, viver o ato de nascer existencial sem sentir angústia, que o próprio Sartre denominou de “a angústia da liberdade”: a certeza de que a única forma de existir será através das escolhas e pelas quais somos formados. Nesse caso, além da alienação ontológica que dispõe o homem no mundo sem controle sobre suas ações, sendo isso já apresentado, visto que o mundo é a construção de todos os seres humanos, todos igualmente em uma situação de liberdade; a alienação individual pertence a verdade que o homem não se sente construindo a história: “um dos caracteres mais marcantes de nossa época é que a história se faz sem ser conhecida” (SARTRE, 1987, p. 123).

Destarte, Sartre garante que o homem, inúmeras vezes, não deseja olhar no espelho e ver o reflexo de um sujeito em liberdade, de maneira oposta, o mesmo quer segurança diante de conjunturas que levam a concluírem como determinantes, não apontando saída, ou seja, não há nada a fazer diante desse quadro, a opção seria: viver o determinado ou as escolhas das outras pessoas.

Dessa forma muitos vivem confortavelmente seus lugares instaurados no mundo, sem olhar para si como criadores destes lugares, sem nascerem existencialmente. Se o homem está condenado à liberdade, segundo Sartre, o nascimento existencial é rigorosamente a capacidade de criticar, de saber que se é responsável por suas próprias escolhas, na direção de que, dependendo do que vou escolher, serei uma ou outra pessoa; completamente impossível é viver sem escolher por mais que seja alienado.

A história se faz num movimento incessante de construção, desconstrução e reconstrução. Os seres humanos são projetos em curso, totalização em andamento, pelo simples fato de serem inacabados, fazendo-se a cada instante, assim como a história da humanidade se fez e se faz em todo instante. O homem é uma soma de ações, orientadas pela compreensão e leitura de mundo em que vivem, mantendo e mudando de forma dialética esse quadro de convivência. As mudanças realizam a somatização deste conjunto, para reagrupação novamente, a partir de outros modelos, através de ações fundamentadas na objetivação da subjetividade.

Com alicerces em Sartre, considera-se que as circunstâncias experimentadas pelo homem em seu dia a dia, criam as condições materiais de sua alienação, salvo construídas por ele, são por ele condicionados na sua práxis a partir da colaboração para com estas situações. Semelhante comparação ocorre

consideravelmente da problemática da liberdade, levada ao existencialismo pelo contexto do pensamento moderno, e implica também a discussão da “má-fé” atividade que consiste na tentativa de fugir para evitar a angústia da liberdade, não ser verdadeiro consigo mesmo, buscando negar o embate que a vida carrega, os conflitos internos e conflitos com os que convive.

O existencialista declara frequentemente que o homem é angústia. Tal afirmação significa o seguinte: o homem que se engaja e que se dá conta de que ele não é apenas aquele que escolheu ser, mas também um legislador que escolhe simultaneamente a si mesmo e a humanidade inteira, não consegue escapar ao sentimento de uma total e profunda responsabilidade. É fato que muitas pessoas não sentem ansiedade, porém nós estamos convictos de que estas pessoas mascaram a ansiedade perante si mesmas, evitam encará-la; certamente muitos pensam que, ao agir, estão apenas engajando a si próprios e, quando se lhes pergunta: mas se todos fizessem o mesmo? Eles encolhem os ombros e respondem: nem todos fazem o mesmo. Porém, na verdade, devemos sempre perguntar-nos: o que aconteceria se todo mundo fizesse como nós? E não podemos escapar a essa pergunta inquietante a não ser através de uma espécie de má fé. (SARTRE, 2013, p. 7).

Contudo ligado nesta organização está movimentação e a multiplicidade dos acontecimentos que agarra e modifica o ser humano utilizando-os, como ligações, pontes, visto que passam por sua subjetividade. É neste dinamismo dialético que se localiza os seres humanos, que também são este movimento dinâmico e múltiplo, obras inacabadas, incompletas.

3 A LIBERDADE DE ESCOLHA E A RESSIGNIFICAÇÃO EXISTENCIAL

3.1 A existência precede a essência

A própria palavra existencialismo, como já dissemos, indica o reconhecimento, no homem, de um certo primado ou prioridade da existência em relação a essência (FOULQUIÉ, 1975).

Exemplificando os seres em que a essência precede a existência, Sartre cita as ervilhas e os pepinos e, mais do que a escolha destes exemplos, o modo de explicar a relação entre a sua essência e a sua existência, dá uma ideia falsa, para não dizer ridícula, da concepção essencialista: “muitas pessoas creem que as ervilhas, por exemplo, se arredondam conforme a ideia de ervilha e que os pepinos são pepinos porque participam da essência de pepino” (SARTRE, 1997, p. 61). E duvidosa que esta seja a crença de *muitas pessoas*, em todo o caso, os filósofos concebem as coisas de maneira totalmente diversa. Não é a ideia ou a essência universal que atua sobre a ervilha a fim de arredondá-la ou sobre o pepino a fim de alongá-lo, mas o organizador dos embriologistas ou qualquer outro agente misterioso que contém o germe.

Sem dúvida, para os que admitem a criação divina, a criação do mundo obedeceu um plano, onde as ervilhas e os pepinos tem o seu lugar, mas este plano não age no sentido de arredondar certos frutos e alongar outros, assim como o plano do carpinteiro não age no sentido de impedir que a cadeira se desloque sob o peso de um visitante pesado. Tudo o que sobrevém no mundo da matéria e da vida explica-se pelos antecedentes imediatos ou, como se diz em linguagem criacionista, pelas causas segundas. A essência do vivente está por assim dizer no germe. Vemos, pois, em que sentido, nos viventes, a essência precede a existência; isto significa que eles obedecem ao mais estrito determinismo.

Para os que rejeitam o determinismo psicológico e reconhecem a liberdade do homem, este não se encontra no mesmo caso das ervilhas e dos pepinos. Com efeito, aquilo que será um indivíduo não se apresenta rigorosamente predeterminado no germe que contém os seus possíveis, dentre os quais ele pode escolher, não só por uma primeira opção, ao despertar de sua reflexão, mas ainda todos os dias: “A essência do ser humano está suspendo na sua liberdade” (SARTRE, 1997, p. 61.).

O homem escolhe a sua essência. Qual essência? Não havendo distinguido a essência universal que nos caracteriza como homem e a essência individual que nos caracteriza como determinado homem tímido ou atrevido. Sartre (1997), chega a proposições paradoxais e até absurdas, se as tomarmos ao pé da letra quando afirma que o homem é primeiro e só depois, é isto ou aquilo, criando sua própria essência.

Não criamos, evidentemente, a essência universal ou específica pela qual pertencemos à espécie humana, mas a essência individual que nos é peculiar e que não se encontra em qualquer outro indivíduo. É claro, mas valeria precisá-lo, que não temos de optar entre a essência ervilha ou pepino e a essência homem, nossa essência genética e específica é determinada sem nós: somos homens. Só a nossa essência individual ou concreta apresenta certa indeterminação: nós somos homens, mas que homens somos? Apenas nestes limites permanece uma porta aberta à liberdade.

Ademais, dentro destes mesmos limites reina tão somente certa indeterminação: um fraco não pode escolher o trabalho de carregador no mercado, nem um analfabeto de quarenta anos aspirar a uma vaga na academia. Sartre chega mesmo a dizer, aproximando-se do materialismo histórico que é essencialmente determinista: “o homem é apenas uma situação... totalmente condicionado por sua classe, seu salário, pela natureza de seu trabalho, condicionado até em seus sentimentos, até em seus pensamentos” (FOULQUIÉ, 1975, p. 59).

Entretanto, a possibilidade de escolha continua considerável. Para avaliá-la, basta meditar na diferença de carreiras entre indivíduos julgados de igual valor, na partida. Além disso, se não podemos eleger a classe social em que nascemos, a nossa estrutura e a nossa inteligência, pelo menos a nossa atitude em face deste dado bruto depende de nós.

O proletariado está totalmente condicionado por sua classe, mas é ele quem decide do sentido de sua condição e da de seus camaradas, é ele quem livremente, dá ao proletariado um porvir de humilhação sem trégua ou de conquista e vitória, conforme ele se escolher resignado ou revolucionário. Estou enfermo sem escolher a maneira como eu constituo a minha enfermidade como intolerável, humilhante, como algo a dissimular, a revelar a todos, como objeto de orgulho, justificativa de meus fracassos. Eu próprio me escolho, não no meu ser, mas na minha maneira de ser. (SARTRE, 1997, p. 393; 633.).

Ora, a atitude que assumo em face daquilo que sou, contribui para me transformar: eis, portanto, em um domínio que parecia independente de mim, uma porta aberta a liberdade. O mesmo sucede, em relação ao seu passado: este parece imutavelmente fixo, mas através de minha atitude a seu respeito, posso transformar a sua ação sobre mim, modificar o seu significado para mim.

3.2 A resignificação da consciência

Todas as sociedades durante a história da civilização foram capazes de ser chamadas de sociedades do entendimento, uma vez que produziram esclarecimentos, hábitos e demais processos ativos tangíveis e intangíveis que colaboraram para a construção de seu progresso. No entanto, o que acrescenta essa situação no meio social contemporâneo está relacionado aos processos de inserção e de convivência sociais onde os conhecimentos e competências no campo técnico científico e produção humana aparecem em alta proporcionalidade e surge, por isso, a urgência de filtros para gerenciar tamanho debate entre as ideias de um possível futuro no mercado de trabalho.

Liga-se a isto diretamente a sucessão de integração da economia que contribui para o ordenamento de uma coletividade cada vez mais complexa e técnica. Na construção dessa associação complexa e multicultural que está pouco a pouco mais à compreensão de todos pelas redes de interlocução há diversos aspectos que tem influência em como a pessoa compreende sua vida, seu existir no mundo e na forma como se relaciona com os indivíduos nesta sociedade.

O ensino pode surgir nessa competência como chance de pensamento, intermediação de processos, de atitudes ativas e compartilhadas. A começar disso sendo assim é possível desenvolver uma nova maneira de elucidar os dados midiáticos e entender suas competências disseminadas. Porém, embora as mudanças na sociedade em todos esses anos e das novas relações com o mundo a instituição da pessoa continua a se fazer-se pelo diálogo sujeito-mundo. Entender este fato transfigura em atingir por meio da percepção existencialista como a pessoa se posiciona no mundo e toma suas atitudes.

A partir disso surge a definição de subjetividade com dois significados: (1) “a escolha do sujeito individual por si próprio e, por outro lado, impossibilidade em que o homem se encontra de transpor os limites da subjetividade humana”, e (2)

“constituir o sentido profundo do existencialismo”, ambos de Sartre (1987, p. 6). Pelo segundo significado pode-se compreender que a subjetividade aparece através da existência e da experiência do ser no mundo. A consciência permite que a subjetividade atinja seu plano de expressão.

Mas se realmente a existência precede a essência o homem é responsável pelo que é. Assim, a primeira decorrência do existencialismo é colocar todo o homem em posse daquilo que ele é, e fazer repousar sobre ele a responsabilidade total por sua existência. E quando dizemos que o homem é responsável por si mesmo, não queremos dizer que ele é responsável estritamente por sua individualidade, mas que é responsável por todos os homens (SARTE, 1997, p. 26).

O sentido do comprometimento coletivo remete a uma sociedade em que cada homem ocupa-se das influências um com o outro, o que evidencia um modelo de rede grupal inclusive antes do aparecimento da cultura digital que potencializa isto. Para esse pensador a humanidade pode ser delineado como propósito e o predisposto individual. Indivíduo e mundo aparecem aí como trabalhos inacabados, em razão de nessas redes de relações se processam as transformações que passam a demonstrar novamente novos elos, que se entrelaçam formando novas correntes que serão significadas e ressignificadas numa dinâmica constante e contínuo.

Dessa forma o sujeito é marcado pelo mundo e vice-versa. O pensamento sartreano afirma que “o homem é um ser em constantes buscas. Somos aquilo que buscamos, somos um pouco de muitos. Somos um eu na multidão que se autocria e que também se autodestrói” (SOUZA, 1987, p. 29).

Ao se julgar o indivíduo como instrumento de avaliação na especulação existencialista torna-se preciso buscar o seu contexto para afirmar no qual foi que se apreendeu, ou foi recluso, em que parte da sua história está o nó, isto é, que significados que recebeu do gênero humano e de que maneira vivenciou esses significados. Dessa maneira no momento em que, pretende-se entender um homem, impreterivelmente deve-se iniciar entendendo a sua trajetória, objetivá-lo, quer dizer, localizá-lo no tempo e no lugar. Saber o lugar no qual esse homem vive.

Deste modo reitera Sartre (2013, p.81): “nunca discutimos o fato de que o homem, constantemente, é um objeto para o homem, mas reciprocamente, para se apreender o objeto enquanto tal é preciso haver um sujeito que se apresente como

sujeito”. Da mesma forma, não seria divergente a dinâmica na procura do entendimento a respeito de um local (mundo).

Deve-se seguir em rumo aos sujeitos, acatar atentamente suas práticas, seus costumes, em suma, buscar saber as particularidades das pessoas que habitam esse meio. Para Sartre o homem é a sua história e esta se faz no interior do mundo, no íntimo de uma época. É fundamental, conhecer este sujeito através do tempo presente e voltar no caminho (passado). Para ele “cada época se desenvolve seguindo leis dialéticas e os homens dependem da época e não de uma natureza humana” (SARTRE, 1987, p. 81).

Tudo acontece para cada homem como se a humanidade inteira estivesse sempre com olhos sobre o que ele faz para agir de maneira semelhante. E cada um deve se perguntar: Sou eu mesmo o homem que tem o direito de agir de forma tal que a humanidade se orienta por meus atos? (SARTRE, 1987, p. 30).

É possível notar pelo o que foi observado até, portanto que o existencialismo traz consigo a aflição, e caso isto não aconteça, ela estará mascarada. Esta tristeza, apresentada aqui, está desobrigado de trazer a inação, porém pela ação, uma angústia que traz o comprometimento. Ao mesmo tempo em que é independente, o indivíduo encontra-se sentenciado a inventar-se a cada momento, sem qualquer tipo de ajuda a priori, se não por ele próprio, e esse desamparo é associado de desespero.

Para Sartre (1987, p.31), “essa espécie de angústia, que é a que descreve o existencialismo, veremos que ela se explica, além disso, por uma responsabilidade direta em relação aos homens envolvidos pela escolha”.

De acordo com o pensamento de Sartre o indivíduo encontra-se numa ordem a qual é dialética onde existe o interior e o exterior. Nesse processo de intersubjetividade, onde o sujeito reconhece o externo e tem para si o interno, onde ao mesmo tempo em que se identifica com afasta essa identificação para fora de si.

Assim encontra-se o exemplo de uma consciência impossibilitada de existir sem o contato com a materialidade, pois é nessa identificação através da sensibilidade, que o homem tem para si o seu mundo. Consciência é

intencionalidade e a subjetividade se constitui frente a algo revelado pela existência através da essência (PEREIRA, 2008).

Para obter qualquer conceito sobre mim, é necessário que eu passe pelo outro. O outro é indispensável para minha existência, tanto quanto, ademais, o é para meu autoconhecimento. Nessas condições, a descoberta de meu íntimo revela-me, ao mesmo tempo, o outro como liberdade colocada diante de mim, que sempre pensa e que a favor ou contra mim. Assim descobrimos imediatamente um mundo que chamaremos de intersubjetividade, um mundo em que o homem decide o que ele é e o que os outros são (SARTRE, 1987, p. 48).

Nos últimos anos, à grandeza que o corpo social se transformou e caminhou rumo à época informacional ou do entendimento de diferentes tecnologias e modelos digitais foram criados e possuem choque continuamente no ensino e educação. Segundo as palavras de Tedesco (2009), no domínio o qual se acumulam e circulam comunicações e capacidades a partir de tecnologias pouco a pouco mais poderosas a função dos espaços educativos precisa ser marcado pela sua eficiência para acautelar-se o utilização responsável, crítico e atuante de tais dispositivos.

Com estes aparatos tecnológicos o sujeito passou a enxergar a realidade por distintas lentes. Essa correlação vigente do homem com o mundo e do mundo com o homem ocorre por meio da virtualidade a partir de processos de interlocução que trazem novos ângulos no interior do raciocínio anunciado por Sartre. Estes aspectos são capazes de apresentar como a situação genérica do homem por causa da época em que se vive hoje, no qual o sujeito já nasce na era digital. Dessa forma, o corpo social digital e em rede inicia-se a representar participação da instituição do homem.

A vinculação do sujeito com os recursos de comunicabilidade midiáticos pode ocorrer de distintas maneiras através da natural introjeção ou reflexão-crítica dos conteúdos que lhe são apresentados. É necessário declarar que o homem é possui liberdade para realizar suas escolhas, já que, inclusive o não escolher é uma possibilidade. A título de exemplo, os noticiários apresentam informando diversas tragédias, guerras e outras notícias envolvendo práticas de opressão, ao mesmo tempo em que uns procuram elucidações com iniciativas sociais ou educativas outros somente assistem passivamente o que está acontecendo e esta indiferença colabora para a preservação da desgraça (BUCKINGHAM, 2012).

Dessa maneira, para que se tenha uma manifestação reflexiva e análise ante os meios de comunicação e como consequência um ponto de vista emancipatória é fundamental ter comprometimento nas suas escolhas e discernimento da vida em que se está agregado. Para confirmar esse sistema de escolha a educação para os meios precisa habilitar à atividade crítica afirma (BUCKINGHAM, 2012, p. 53):

Precisamos capacitar os jovens a se tornarem participantes ativos na cultura de mídia; porém, não basta apenas participação ou criatividade por si próprias. É preciso, também, que sejam participantes críticos, desenvolvendo um entendimento mais amplo das dimensões econômicas, sociais e culturais da mídia entendimento este que não resulta automaticamente da produção criativa.

A atuação esperada perante do pensamento no educando se enquadra no existencialismo de Sartre (1987), que afirma que a vivência humana é realizável e que toda a efetividade e atuação implicam na subjetividade humana. Isto apoia o propósito terreno de cada um que é individual e exclusivo, no entanto, geral já que orienta a humanidade a adotar suas práticas.

Dessa forma, Freire afirma que não há eventualidade de dicotomia do ser e do mundo, em razão de que não há um sem o outro. O escritor constata que através da atuação do sujeito em sua vivência, a partir de seu modo sobre ele, este sujeito encontra as marcas de sua única consequência. Além disso, “não podemos nos assumir como sujeitos da procura, da decisão, da ruptura, da opção, como sujeitos históricos, transformadores, a não ser assumindo-nos como sujeitos éticos” (FREIRE, 2005, p. 17).

3.3 A liberdade como responsabilidade

A liberdade que nosso autor existencialista reconhece no homem não é a do senso comum, antes de tudo, não há autoridade ou regra que imponha ao homem uma conduta. Em as moscas (ato III, c. II), a Júpiter que deseja reconduzi-lo à obediência, Orestes replica:

... não devias criar-me como um ser livre (...). tão logo me criaste, cessei de pertencer-te (...); e nada ,mais houve no céu nem bem, nem mal, nem pessoas alguma para me dar ordens (...). não voltarei a submeter-me à tua lei: estou condenado a não ter outra lei senão a minha (...). pois eu sou

homem, Júpiter, e cada homem deve descobrir o seu caminho (SARTRE, 2005, p.47).

Estas descobertas, tanto as mais ínfimas como as outras, dependem dos fins que nos propusemos, da hierarquia de valores que escolhemos; assim, devido a esta diversidade de fins, uma pessoa utilizará um orçamento imprevisto para completar o seu guarda-roupa, outra há de guardá-lo na expectativa de um eventual acidente, enquanto uma terceira há de gastá-lo em divertimentos. Não é preciso dizer que a escolha depende da deliberação: “quando eu delibero, a sorte está lançada” (SARTRE, 1997, p. 527).

Mas nada se perde se elegemos livremente os nossos fins: pois os nossos fins governam todas as nossas escolhas, a livre escolha de nossos fins acarreta a liberdade de todas as nossas determinações particulares. A liberdade parece tanto mais salvaguardada quanto os nossos fins jamais se apresentam definitivamente fixados.

Na medida em que continuamos a existir, prosseguimos na escolha de nossos fins, pois a liberdade é a essência de nossa existência. Por ocasião de qualquer opção particular, podemos reexaminar nossa escolha anterior; por conseguinte, toda decisão tomada de conformidade com esta escolha pode ser considerada como renovação desta escolha; assim, temos o direito de julgar todos os nossos atos voluntários como livres, pois, ao decidi-los, também decidimos quanto aos fins que os explicam.

Mas como escolhemos estes fins? Para eleger entre a honra e o prazer, entre o meu interesse e o dos outros, faz-se necessário um princípio de discernimento e a verdade deste princípio segundo o senso comum, não é livremente afirmada; ele se verifica e se impõem com uma evidência análoga a que me proporciona a operação 02 mais 02 são 04. O filósofo epicurista que situa no prazer o objetivo da vida, o altruísta que não enxerga outra razão de viver, exceto o devotamento aos seus semelhantes, bem como o crente que busca a maior glória de Deus, pretendem, na verdade unir o sistema moral a um todo respectivo que se impõe e não depende de modo algum da livre escolha de cada indivíduo. É preciso chegar a isto sob pena de efetuar-se uma escolha sem razão. Esta perspectiva não detêm Sartre.

Tendo rejeitado o mundo das ideias ou das essências e as concepções similares Sartre (1997), tira a conclusão lógica de sua posição: “a escolha de nossos

fins também é absolutamente livre; ela se realiza sem ponto de apoio, ela não se baseia em qualquer razão pela simples razão de que toda razão vem ao mundo através da liberdade” (Ibid, p. 567) isto é, cada qual estabelece livremente as normas do verdadeiro, do belo e do bem.

Descartes, atribuía este poder a Deus; no seu conceito, Deus inventou o bem; Deus não se acha de modo algum inclinado, por sua perfeição, a decidir o que é melhor, mas aquilo que ele decidiu, por efeito de própria decisão, é absolutamente bom. Uma liberdade total que inventa a razão e o bem e que não possui outros limites além dela própria, que é, finalmente, para Descartes a prerrogativa divina. Mas, acrescenta Sartre, Descartes, ao descrever o livre arbítrio de seu Deus, não fez mais do que desenvolver o conteúdo implícito da ideia de liberdade e conferiu a Deus o que nos pertence como próprio (SARTRE, 1997).

É o homem que estabelece as normas da verdade e do bem. Todavia, não devemos conceber tais normas como objetos do pensamento: “a escolha profunda que determina as nossas decisões cotidianas forma uma a mesma coisa com a consciência que possuímos de nós próprios” (Ibid, p. 539). Portanto a liberdade não é privilégio exclusivo de meus atos voluntários. Minhas emoções e paixões, também dependentes do ser que eu sou, são igualmente livres; constituem, como as volições:

Determinadas atitudes subjetivas por cujo intermédio procuramos atingir os fins colocados pela liberdade original...; meu temor é livre e manifesta minha liberdade, apliquei toda a minha liberdade no meu temor e me escolhi como medroso nestas ou naquelas circunstâncias... não há em relação a liberdade nenhum fenómeno privilegiado (Ibid, p. 520-521).

Se tudo é livre em nossa vida interior, é por Sartre não dá ao termo liberdade a acepção usual entre os filósofos e até entre o vulgo. Só é livre um ato determinado por motivos: ora, segundo Sartre, agir livremente consiste, não em decidir conforme os motivos, mas em estabelecer, sem motivo e mesmo sem o saber, motivos que em seguida nos dominam sem o sabermos. Concebemos o ato livre como eminentemente racional: para Sartre, ele é absurdo: “é absurdo, pois está para além de todas as razões” (Ibid, p. 559), prende-se a atividade instintiva e não atividade racional. No seu ponto de partida, a liberdade sartriana nos parecia ter uma extensão indefinida. Mas, uma vez particularizados os elementos que recobrem

esta palavra, verificamos que se trata apenas de uma pseudoliberalidade: a espontaneidade do vivente.

A responsabilidade poder-se-ia também objetar a Sartre a gratuidade de sua hipótese de uma escolha original comandando toda a nossa atividade consciente, sendo anterior a toda reflexão, tal escolha é inverificável; carece, pois, de fundamento a suposição de sua existência.

Embora sem verificá-la, responde Sartre (1997) que possuímos dela um conhecimento indireto, a consciência de nos escolhermos traduz-se pelo duplo sentimento da angústia e de responsabilidade, dois sentimentos especificamente existencialista.

A prova da liberdade através do sentimento da responsabilidade não é prova, podemos encontrá-la em todo os manuais de filosofia. Mas esta prova só vale se pressupormos no sentimento de ser responsável, a consciência implícita de sua liberdade. Ora, não é esta a concepção exposta em *O Ser e o Nada*. Com efeito, para Sartre, a responsabilidade do homem estende-se muito além do que, aos olhos do bom senso, ele poderia escolher livremente. Nada lhe escapa, não só da atividade pessoal, mas ainda dos eventos exteriores: eu sou responsável por tudo, sou “tão profundamente responsável pela guerra como seu eu próprio a tivesse declarado” (1997, p. 641).

Sartre não pode considerar-se responsável pela invasão em países da Europa e destruição do mesmos. Mas, diante destes fatos, que independiam de sua pessoa, ele assumiu uma atitude tipicamente sua; ao colocar, num mundo em guerra, atos livres, tomou a responsabilidade de tudo o que ocorria neste mundo. Ou ainda: eu não pedi para nascer, como se diz; mas, por minha atitude ante o fato de meu nascimento, em certo sentido, escolhi o nascer. O próprio Jó, ao lastimar-se: “por que não morri no ventre de minha mãe?”, elegeu o nascer, pois se não nascesse não poderia maldizer o dia de seu nascimento.

A liberdade com responsabilidade que o existencialismo sartriano lança sobre o homem difere essencialmente da interpretação comum deste termo. Temos de responder a quem ou perante quem prefere um julgamento e aplica uma sanção: perante Deus, perante a sociedade ou perante um eu-próprio ideal que julga o eu-próprio real e empírico.

4 CONTRIBUIÇÃO DO ENSINO DE FILOSOFIA PARA FORMAÇÃO E ESCOLHA DO PROJETO DE VIDA DOS ALUNOS DO NÍVEL MÉDIO

A filosofia é entendida pelos filósofos genericamente como um fato grego. Isto porque possui uma concepção sobre o que sejam as coisas, algo bem diferente dos outros povos e culturas, tornando-se uma forma de pensamento hegemônico no Ocidente desde seu surgimento. Em que sentido, portanto, a filosofia pode ser considerada grega? Quando ela é, como sugere Chauí (2000, p. 20-21):

[...] entendida como aspiração ao conhecimento racional, lógico e sistemático da realidade natural e humana, da origem e causas do mundo e de suas transformações, da origem e causas das ações humanas e do próprio pensamento, é um fato tipicamente grego. É um modo de expressar e exprimir os pensamentos que surgiu especificamente com os gregos e que, por razões históricas e políticas, tornou-se depois o modo de pensar e exprimir dominante da chamada cultura europeia ocidental. Através da filosofia os gregos instituíram para o Ocidente europeu as bases e os princípios fundamentais do que chamamos razão, racionalidade, ciência, ética, política, técnica, arte.

A razão, a ética, a política, a educação, são conceitos indissociáveis e fundamentais da Filosofia grega: nasceram praticamente na mesma época e têm em comum o fato de terem surgido no interior da polis. Isso confere a ela, do ponto de vista histórico e filosófico, um sentido bastante significativo uma vez que é através da política, do discurso onde há o desenvolvimento de consensos através da comunicação argumentativa.

Desde sua gênese, a Filosofia não se dissociou de sua função e origem política, social, cultural, enquanto produção conceitual rigorosa, radical e de conjunto que visa a explicitar a condição humana no mundo (SAVIANI, 1993). Pode-se, então afirmar, que o conhecimento filosófico se faz enquanto práxis histórica, portanto como um conhecimento necessário para a formação humana, questão que implica no desenvolvimento de questionamentos sobre o que é a formação, o que é educação pensada dentro deste contexto.

Além das perguntas já mencionadas, a temática que relaciona Filosofia com formação humana e reflexão crítica exige que enunciem algumas interrogações, tais como: qual a especificidade do conhecimento filosófico? Em que sentido este conhecimento contribui para a formação humana? O que significa formação? Qual o papel da filosofia no contexto escolar, instituição que tem objetivo a formação de

cidadãos? Qual a contribuição da filosofia para a sociedade atual? Que relação existe entre o conhecimento filosófico e a afirmação da democracia e da liberdade? Os problemas ou questões sobre o ensino de filosofia e sua contribuição no currículo escolar estão diretamente vinculados aos problemas da educação, do conhecimento e do mundo atual?

A complexidade da reflexão se manifesta desde o como essas questões se pontuam e se ampliam, sobretudo, sem sua fundamentação e em seus desdobramentos, pois o intento envolve concepções acerca do que é filosofia, do filosofar e do educar, bem como sobre a educação que se tem e que se deseja construir e pela qual se luta; abarca, também um ajuizamento da filosofia que se estudou, se reproduziu e produziu; ainda, no que diz respeito a educação, requer o reporte aos limites do atual modelo de escola e das possibilidades de sua superação. Dessa forma, considerando-se o contexto da escola, emerge a questão que se elege como essencial: o que a cabe a Filosofia no espaço escolar?

Enquanto a opção de essencialidade manifesta o objetivo da pesquisa, a concepção de Filosofia projeta a fundamentação da abordagem. Ao se considerar a filosofia enquanto reflexão conceitual, rigorosa e histórica, que se ocupa da condição humana em seu sentido amplo, isto é, dos prismas ético-político, epistemológico, antropológico e estético, busca-se direcionar o estudo para uma leitura dialética, com ênfase nas vertentes críticas e de sua contribuição para a educação, para política e para a cultura, a exemplo da crítica gramsciana às interpretações idealistas e positivistas do marxismo ou da Teoria Crítica dos frankfurtianos especialmente Horkheimer (1990) e Adorno (1985).

Considerando que a dialética não estabelece previamente um caminho a ser seguido, mas apenas indica as alternativas transformadoras de que cada época é portadora, essa forma de olhar o mundo permite perceber que há no atual momento histórico e no contexto da educação institucionalizada um projeto de formação humana e reflexão crítica como de inflexão das práticas pedagógicas conservadoras as quais possuem a oportunidade de serem revistas, atualizadas e repensadas.

Severino (2002) aprofunda a questão ao estabelecer a relação entre Filosofia, formação humana e reflexão crítica. O autor denuncia o engano dos céticos em relação ao mérito da Filosofia na formação da infância e da juventude e professa sua confiança no potencial da atividade filosófica na escola para

objetivação do desígnio formativo do indivíduo. Nesse sentido recomenda tanto o desvelo no trato da questão quanto à responsabilidade política em reclamar ações pertinentes e consequentes em relação ao propósito da formação e ao compromisso que a educação evoca a serviço da harmonização da sociedade.

Diante disso, o autor (SEVERINO, 2002) desafia o intuito acomodatório das propostas pedagógicas que situam a filosofia nos interstícios transversais da grade curricular. A essas opõe o norte para a Filosofia na educação: assumir a missão de incitar o jovem a ressignificação de sua experiência existencial.

O sentido da proposta se insere na vocação da escola, no contexto da sociedade excludente, de enfrentar a perversidade do sistema por constituir-se em alternativa única de solução para dos problemas humanos, pois “existe apenas uma fonte geradora, que é o conhecimento, uma ferramenta, a prática e uma mediação, a educação” (p. 1).

A escola é definida, portanto, como *locus* privilegiado para esse mister, uma vez que a sociedade a elegeu como instituição formal de ensino, e em seu interior, intencional e sistematicamente, tanto aprendizagem, como a formação passaram a ser trabalhadas. A escola, antes de tudo, é espaço de socialização com o diferente, a primeira relação do indivíduo com outras pessoas que não são do seu espaço familiar. Assim, nota-se que além de cumprir seu papel de educadora técnica, a escola possui antes de tudo parte da responsabilidade pela educação moral e ética para o social.

Afirma Severino (2002, p. 2):

Trabalho pedagógico quer dizer isso: pedagogia como prática educativa significa exatamente conduzir a criança, o adolescente, o jovem ou o adulto, quando nos ambientes escolares, no caminho da aprendizagem e da formação.

Destarte, a escola deve realizar essa dupla tarefa: propiciar ao jovem o crescimento intelectual, relativo ao domínio do conhecimento e da sensibilidade por modos diversos, para a expansão da subjetividade nas direções: intelectual, com a compreensão de conceitos; ética, relativa aos valores orientadores da conduta; consciência estética, a qual se manifesta na escrita; consciência social, cujo sentido é a utilização da subjetividade para ajuizar valores políticos, isto é, estabelecer relações sociais. Assim, desenvolver a subjetividade significa trilhar

progressivamente o processo de atribuição de sentidos os quais devem ser compreendidos e refletidos pelo próprio indivíduo.

Severino (2002) definiu o processo formativo como esforço educativo para que o ser se situe no mundo, em condições plenas de uma cidadania que é edificada na dignidade humana, que protege a existência de violações e possibilita, assim, usufruto dos bens necessários à vida. Dessa forma, compreende-se que a missão da educação viabilizar o entendimento que permite a condução das ações humanas em relação sociais dignas, bem como da satisfação individual “de tal modo que possamos fundar nossas ações sem valores positivos, conscientemente identificados e seguidos, de tal modo que possamos decidir e apoiar nossas ações nesses valores” (ibid, p. 3).

A centralidade do saber filosófico no âmbito educativo decorre de sua disposição para instigar e conduzir a consciência a procurar a percepção acurada da existência, edificando criticamente seu significado, ou seja, ressignificando a experiência do ser a partir da própria existência, como ser que tem consciência da existência. Esse processo reflexivo do modo do ser próprio do homem na sua concretude entrelaça dialeticamente subjetividade e experiência em uma práxis que amplia incessantemente a compreensão da realidade, bem como as possibilidades de reconstrução da consciência e da própria realidade.

Husserl (1966), ajuda a pensar a questão da consciência quando afirma sobre a necessidade que a psicologia tem de escapar de sua condição de prisioneira do mundo interior. Ele faz um esforço para libertar a consciência de sua interioridade. Toda consciência é sempre consciência de alguma coisa, ou seja, possui sempre uma intencionalidade; ela se dirige para alguma coisa que está fora do Eu⁴. Se toda consciência é consciência de alguma coisa, torna-se impossibilitada a existência isolada dos sentidos, ou seja, uma consciência em si de forma abstrata. Dessa forma, Husserl estabelece uma relação de intensa organicidade entre a consciência e aquilo que está fora dela; a consciência sempre se dirige para alguma coisa.

A máxima da fenomenologia, aliás, aparece na expressão “as coisas mesmas” (*zu den sachen selbst*) Conforme Husserl (1966, p. 35): “a ilusão

⁴ Neste ponto, compreendemos o conceito do eu como aquele que se relaciona com o outro e consigo mesmo através do processo dialético da relação eu-tu, onde o reconhecimento do tu trás em si a afirmação do eu (Nota do autor).

desaparece assim que, em vez de se argumentar genericamente, se dirige as coisas mesmas”.

Sartre (2005) filósofo inspirador desta temática, inspirado em Husserl, frisa o sentido de consciência e o seu sentido existencial. Tudo tem um sentido, inclusive o exemplo que ele dá do desmaio diante de uma pergunta embaraçosa numa defesa de tese. Partindo deste ponto de vista pode-se afirmar que toda a Filosofia é sempre Filosofia de alguma coisa, ou seja, ela possui uma intencionalidade; ela se dirige a alguma coisa. Não existe uma Filosofia pura, uma reflexão descomprometida, absoluta por si mesma, alijada da existência, divorciada das significações do cotidiano humano. Não existe filosofia sem intencionalidade, portanto sem esta intencionalidade ela se tornaria uma espécie de reflexão sem vida, sem dinâmica.

Se um homem age, ou se não age (omissão) por isso mesmo escolhe. Assim como frisa o existencialismo de Sartre, só a não-escolha lhe é proibida. Ao homem lançado no mundo não o não escolher; sempre há escolha. Mesmo quando não escolhemos, estamos partindo desta ou daquela posição. Está condenado a ser livre, na medida em que não pode, inconsciente ou deliberadamente, deixar de escolher, em todos os momentos de sua vida. Em função do seu projeto, o homem assim tornado livre poderá escolher com mais ou menos interesse, do ponto de vista daqueles objetivos que ele mesmo se propõe realizar.

O que ocorre aí é que o homem primeiro existe e depois de sua existência, depois de correr sua descoberta para si, é que, por meio de suas escolhas projeta-se para o futuro e se constrói. Essa escolha, esse projeto, é pessoal e intransferível. Se os atos individuais são objetivos, as escolhas feitas a partir do estabelecimento do projeto são obrigações das quais não se pode fugir, uma vez que são deliberadamente escolhidas para nós mesmos em nossa intimidade.

Não há escape para o existencialista fácil de suas responsabilidades, nem como deixar de vivenciar as consequências de suas ações. Isso implica a própria noção do que significa estar vivo, do ponto de vista existencialista. Que seria a vida senão o viver, deliberado, consciente de seus atos e responsabilidades sobre as consequências, quaisquer que forem, desses mesmos atos? Pois o homem se escolhe e, em se escolhendo, escolhe toda a humanidade, cria uma imagem para si, a da monogamia, por exemplo; a partir daí constrói tudo em torno disso, projetando

e fazendo seu futuro acontecer. Estes atos e escolhas que envolvem um direção, um caminho, isto também acaba sendo valor, e como antes desse projeto não havia nada, logo para o homem não existe uma moral práxis previa ou anterior, ela, a moral, é constituída no momento de sua ação, de sua escolha (SARTRE, 2005).

Cada ato individual pode ser entendido como extensão daquilo que eu, enquanto ser humano individual, desejo para toda a humanidade e manifesto mediante meu ato de assim agir. Se não desejo o mal para mim mesmo, não posso desejar, para o conjunto da humanidade da qual sou parte ativa, outra coisa senão o bem que desejo para mim mesmo. Aquilo que julgo bom e valido para mim mesmo, enquanto considero minha individualidade, há de ser bom e válido para o conjunto de todos os demais seres humanos que perfazem a comunidade humana de que sou parte. Dado que o homem faz-se a cada novo projeto, não lhe é dado fundar sua ação numa regra geral de conduta humana.

Do ponto de vista do ensino de filosofia, essa concepção de existência enquanto possibilidade de ação, ou antes, a impossibilidade de omissão diante dos desafios da vida coloca o professor-filósofo numa posição tal que seu exemplo torna-se o próprio testemunho de sua vida, no que diz respeito ao que ele pode ou deve realizar na escola. Por esse mesmo motivo, a conduta do professor em sala de aula, pautada pela sua percepção de filosofia, é um espelho refletindo o ensino de filosofia por ele desenvolvido com seus educandos.

A ação do ser-para-si é consciente, é formadora de objetivos e caminhos, é formadora de significado, e esta consciência está na base da formação de valores e dos compromissos; o maior dos valores para o existencialismo é a liberdade, então a ação do ser-para-si só pode ser totalmente livre; se assim ele agir, ele estará pleno de existência e essência, dado que ambas são inseparáveis quando o ser-para-si está em sua plenitude; no entanto ele só é totalmente livre pleno se o outro também o for, é a escolha do ser-para-si, implicando toda a humanidade.

Pelo contrário, infelizmente quando ajo, não como eu quero, dessa forma consciente de mim, mas quando faço exatamente como os outros esperam que eu faça, por submissão, por alienação, ocorre ai um erro, a má-fé, pois me vejo e porto-me pelo outro, como o outro espera que seja e a ação é sem autenticidade, é somente a ação existente, do ser-em-si, o qual, segundo Sartre, é o absurdo. Para ter o controle e para viver a existência de maneira plena, entretanto, tem o homem

de assumir seus atos e dirigi-los, como responsabilidade e com a consciência de que agindo assim estará realizando a liberdade.

Sendo assim, o homem é responsável por sua liberdade, por sua ação, ele existe e deve dar conta desta existência, precisa dar conta dos costumes, tem de dar conta da moral, tem de dar conta da ética, tem de fazer-se, tem de fazer humanidade, então, assim, ele pode, ele está na condição e em condição de realizar a utopia, fazer um mundo melhor com a máxima liberdade humana. Isso vale também, obviamente, para a educação, para os estabelecimentos e instituições de ensino. As orientações e diretrizes curriculares e os programas, evidentemente, não nascem prontos, precisam ser pensados, criteriosamente elaborados, de acordo com a disciplina a ser desenvolvida na escola e os objetivos que se pretende atingir em sala de aula.

A filosofia não tem, além disso, um objetivo próprio, de domínio exclusivo seu. Há pouco tempo a Física, a Sociologia, a Psicologia, entre outras ciências, eram capítulos da Filosofia. Na medida em que estes campos de conhecimento foram adquirindo objetos e metodologia própria, proclamaram sua independência da Filosofia, de forma que se torna cada vez menos o espaço para a Filosofia pensar-se enquanto Filosofia. Paradoxalmente, seu campo de conhecimento torna-se, por um lado, cada vez menos extenso e, por outro, mais vasto, sem limites ou fronteiras, uma vez que qualquer objeto pode ser pensado filosoficamente.

A questão do conhecimento, por exemplo, assim como qualquer outra, para ser filosófica deve ser pensada em vista da totalidade da forma como Hegel (1974) a entende, ou seja, a verdade é a totalidade. Desta forma, o problema filosófico quando abordado na perspectiva da totalidade, mas não abstratamente como é comum entender-se, e sim em sentido concreto, pois a ideia, em Hegel, é essencialmente concreta e a filosofia é tudo aquilo que mais se opõe a abstração:

O elemento e conteúdo da filosofia não é o abstrato ou o inefetivo, mas o efetivamente real, o que se opõe a si mesmo e é evidente em si, o existir no seu conceito. O elemento da filosofia é o processo que produz os seus sentimentos e os percorre, e esse movimento total constitui o positivo e a verdade do mesmo positivo (HEGEL, 1974, p. 316)

4.1 A filosofia Sartriana como mediação para formação humana

A filosofia de Jean-Paul Sartre apresenta um realce no indivíduo e sua ferrenha defesa da liberdade individual, base de sua teoria. Partindo desta afirmação, a filosofia de Sartre tem sido visualizada como uma forte coluna para uma educação “progressista” que tenha o educando no centro do processo de escolha onde os benefícios tenham como foco a experiência coletiva e individual.

Na perspectiva do autor existencialista, isto é relevante frisar, o ser humano não é apenas um ser-para-si, todavia um ser-para-outro. É uma verdade que Sartre acentua que este ser humano é um ser-para-muitos-outros. É um ser que vive em sociedade, um ser-comunidade, ser-sociedade (CONTAT; RYBALKA, 1977). Esse indivíduo comunitário está bem longe de ser ou se tornar um projeto individual completamente isolado, se este for o fato, frisaríamos que o homem renunciaria suas essências construtivas tornando-se um projeto puramente sozinho.

Isso, porém, é puramente hipotético, pois não se pode abdicar do *status* de ser humano, da dimensão de ser-para-outros, mesmo que a pessoa opte por evitar todo contato com os demais. Se imaginássemos que isso pudesse ser feito algo que Sartre jamais imaginaria, nosso “ser-para-outro” ainda continuaria a existir. Em suas palavras:

Se existe um outro, o que quer que seja ou quem quer que seja, qualquer que possa ser sua relação comigo, e sem seu agir sobre mim a não ser por pura emergência de seu ser, então tenho um exterior, tenho uma natureza (SARTRE 1942, p. 321).

Não importa a situação: querendo ou não querendo, sou e sempre serei um ser-para-outro, isso é um fato. Minha liberdade pode receber limitações pelos os que convivem comigo e continuamente será assim. Teóricos da educação podem até defender que a educação não alcança legitimidade em esboço desenhado por Sartre, pois está em jogo a apresentação de limites à liberdade do Outro. Ao contrário, Sartre não nega a limitação em si, pois a aponta como fragmento e parcela do humano, e ser humano é, da mesma forma um aspecto necessário a nossa situação. Assim, quando o indivíduo escolhe o melhor para si por que se reconhece no outro, nasce à harmonia social.

Sartre nem mesmo refuta o que se apresenta de “determinação”, rotular uma pessoa como esteticamente bonito dentro dos padrões da moda atual, ou proibi-la de comer pizza, seria um exemplo. Isso é próprio, bem particular a nossa situação. Isso existe como um limite normal a nossa liberdade, e não há necessidade de tratar como uma ofensa especial. Sua oposição se dá ao que denota de “determinação”. Afirmar que alguém é ignorante pela cor da pele ou negar ajuda a alguém só porque este é, segundo minha visão pobre, são exemplos de determinação (SARTRE, 1995).

A educação que transforma e leva o homem ao nascimento existencial, a autenticidade, proposta implícita na filosofia de Sartre, não se enquadra na definição de determinação. Isso colocando, é claro que não se apaga nem o convívio social, nem a educação que propõe mudança de vida. Encontramos algo que auxilia para quem ambiciona usar Sartre como base de uma teoria educacional. Mais feliz é que na necessidade de nosso ser-para-outro já se pode encontrar as proposições de uma proposta educacional onde há direcionamento para o indivíduo e para a coletividade na efetivação da liberdade, da autenticidade do ser.

A autenticidade para Sartre (1995), se refere em termos de estar plenamente consciente, aceitar e assumir, se responsabilizando totalmente por todas as consequências que envolvem suas escolhas e a situação de outra pessoa. Se a autenticidade é real na existência do humano, e se nosso ser-para-outro é parte não dispensável de nossa situação, a autenticidade exige que nos posicionamos plenamente conscientes de nosso ser-para-outro e que o aceitemos, onde essa atitude não se realiza sem o auxílio do Outro.

Estamos, de certa forma, ligados e alienados de nosso ser-para-outro, esse está em poder do Outro, não em nosso poder. Tendo como base essa condição, a autenticidade roga dos outros o nosso ser-para-outros a aquisição de habilidades que aprendemos isso constitui um elo educacional em si próprio. Podemos interpretar essa exigência como um necessário projeto que envolve o ato de aprender e como uma proposta para a educação ética.

Uma relação, que é importante apresentar, como subsídio para atestar uma possibilidade de educação na filosofia de Sartre é a relação de nós-sujeito quando nos deparamos com objetos sociais criados para nos fornece orientações. Uma placa de trânsito; símbolos que indicam: não pise na grama, não fume, banheiro masculino, feminino, são exemplos clássicos. São esses produtos de

nosso mundo compartilhado, da compreensão intersubjetiva que estabelecem de forma clara a compreensão, a convivência e a comunicação. Já que fora mencionado a existência desse mundo, outro caminho a ser tomado é tornar claro esse mundo: o professor, por exemplo: pode ensinar aos educandos o significado dos símbolos matemáticos; pode ensinar a traduzir um texto; os passos para escrever uma boa redação. É claro que o outro, professor pode ensinar sem adular a liberdade do seu próximo e sem que as diferenças entre os educandos tragam prejuízos à aprendizagem.

Por que o próximo, os outros, nos enxergam como detentores dos mesmos atributos, porque esses nos empilham num só grupo como objetos? Um exemplo de nós-objetos seria a classe trabalhadora. De imediato a construção de nós-objetos prova uma similitude de visão por parte de todos os que fazem a construção e determina justificativas para outras semelhanças. Para membros da mesma comunidade nós-objeto, cria-se um quadro comum. Semelhança satisfatória entre membros abre portas para o processo de ensino e aprendizagem e a aquisição de projetos bilaterais. Em sua obra, *Crítica da razão dialética*, o autor existencialista realiza uma análise de projetos que envolve aprendizagem onde a classe trabalhadora como nós-objetos podem abraçar (SARTRE, 1976). Nossa experiência com movimentos na atualidade, como é o caso dos movimentos que disseminam o respeito e proteção as causas relacionadas à sexualidade, são exemplos de nós-objetos.

É bem certo que o ensino, visualizando-o de forma geral e, especificamente, o ensino de categoria mais pessoal aparenta para nós estarem ameaçados pela natureza conflituosa das relações humanas. E isso torna-se algo bastante sério. Se não houver uma solução para tal questão, a proposta e visão de Sartre poderá ser usada como base para modelos pedagógicos e processos de ensino e aprendizagem, para educação em si do homem tendo como finalidade a potencialização de si mesmo e da comunidade em que se está inserido.

Extremamente relevante, nesse ponto, é que Sartre nega que entre os indivíduos, os conflitos devam ser a ordem do momento, nega relações positivas, quer sejam as mesmas duradouras ou não. Em *O ser e o nada*, Sartre analisa múltiplas formas de conflito, mostrando como são nocivos e como são contagiosos. Porém, aponta para a possibilidade de um estado de coisas e um contexto bem

diferente. Introduce averiguando diferentes tipos de relações amorosas e indicando que a consequência de cada uma delas deságua na reificação⁵ (SARTRE, 1997).

Envolvendo certo grau de objetivação, as relações humanas apontam outras respostas possíveis, é o que Sartre está salientando. Ainda que, na atualidade prevaleça à antipatia, ódio, adversidade, inimizade, oposição, rivalidade, agressão, ataque, hostilização, ofensa, provocação, violência, nem seu surgimento e sua prevalência em nosso meio são necessários. Esse conjunto de horrores acaba conjugando-se como má-fé onde as responsabilidades pelas consequências dos atos individuais são sempre atribuídas ao social, uma vez que esquecem que o social é o prolongamento do corpo do indivíduo. Podemos nos livrar disso tudo quando passamos por uma experiência chamada por nosso filósofo existencialista de “conversão radical”.

O que seria então “conversão radical”? Para chegar a uma compreensão é necessário compreender o que ele estabelece por “projetos”, de onde os mesmos se originam e a que orientam, conduzem. A ideia de Projetos, destaca o filósofo, nega o casual, não o são; e, ainda que possa apontar o contrário mesmo que antes da conversão radical alguém tenha escolhido, em razão de todos os projetos que a precedem são inautênticos, o mesmo não pode ser dito dos projetos consecutivos à conversão radical (BARNES, 1978).

Os projetos são lançamentos de situações, contextos, sonhos, desejos em direção a uma meta, um objetivo, algo feito. Inserem como faticidade tudo o que foi projetado de forma prévia o que fora condicionado anteriormente. Quando acontece a conversão radical, após seu acontecimento, inclina-se a serem ações autênticas, indicando liberdade. Não liberdade em seu sentido irrestrito, mas sim, dentro das possibilidades da convivência humana. Sartre (2013), argumenta que na vida infantil, o homem apenas consegue lidar com os objetos e os outros por uma vaga orientação positiva. Nessa primeira forma de existir, na infância, onde se dá os primeiros impulsos positivos, ele denomina de “proto-história”. Quando o homem está com aproximadamente sete ou oito anos, essa maneira de existir encontra resistência, tornando-se substancial. Essa nova fase marca o fim da proto-história e

⁵ A versão oficial do conceito de reificação é aquela que está muito próxima do fetichismo marxiano da mercadoria e, portanto, concebe o fenômeno da reificação de acordo com o modelo da troca de mercadorias. Nesta forma elementar, o conceito designa um primado cognitivo por meio do qual algo que não possui propriedades de ser uma coisa (objeto), como, por exemplo, o humano, passa a ser visto como uma coisa; nesta forma, a reificação significa aquele processo de coisificação do especificamente humano (HONNETH, 2005).

resultando no projeto ou escolha fundamental. A criança, conseqüentemente, se responsabiliza, assumindo essa escolha fundamental, reagindo à resistência. É uma forma de lidar com a oposição.

Sartre (1942), de forma bem elementar nos leva a compreensão que a escolha fundamental do ser humano se dá em reação à resistência e se fundamenta em consolidar-se em uma qualidade, negando nada mais ser, a não ser aquela qualidade. Na realização da escolha fundamental, a pessoa está negando sua liberdade, essa pessoa atribui a si mesmo a natureza absoluta que um objeto tem e na mesma ação afirmando a liberdade absoluta. Ver-se a si mesmo, como o único criador dessa qualidade negando dessa maneira a facticidade. Os pares de atitudes negam a realidade e não são autênticas.

Afirma Sartre (1942), que a escolha é realizada sem reflexão e mantida sem reflexão. À proporção que o projeto em sua forma original permanece sem ser tocado, intacto, outros projetos de diferentes formas que um indivíduo qualquer introduz em sua existência não passam de expressões sem reflexão da escolha fundamental. Não são expressões de liberdade. É nesse cenário que o exílio é onipotente e as relações ríspidas e conflituosas se mantêm. Dadas às duras limitações desse cenário, um bom ato de educar, um professor trazendo luz a esse problema ou orientando-o, apontando o a caminho da liberdade talvez não fosse visto como violação da liberdade, visto que apontar desemboca num amplo leque de possibilidades.

Em si, a conversão radical acontece para fora desse cenário. Só será possível alcançá-la, desenterrando a escolha fundamental subtendido a todas as outras escolhas, entender sua não autenticidade, repeli-la e aceitar-se a si tal como é. Sartre defende que superar nossos desvios introdutórios é um trabalho que exige tempo, pois o mesmo está sempre em processo:

Esse superar não é movimento instantâneo; é um longo trabalho; cada movimento dele é, de maneira imediata, a ultrapassagem e a simples persistência desses desvios num dado nível de integração. Por isso, a vida desenvolve-se em espirais; passa repetidamente pelos mesmos pontos, mas em diferentes níveis de integração e complexidade (SARTRE 1987, p. 89-90).

Sartre (1984), considera que há dois fatores que marcam a conversão radical: um é o reconhecimento o outro a aceitação da liberdade. Após a conversão

alcançando certo estágio, a pessoa agregará mais relevância à liberdade acima de outro valor, o verás como mãe dos outros valores. Vendo a liberdade nessa perspectiva, o próprio lutará para defendê-la; pela liberdade dos outros, negando a determinação e guerreando contra o fenômeno do bode expiatório onde se manifesta, orientando os outros em seus esforços para alcançar o esclarecimento.

Se tudo isso for um grande quebra cabeça, o quadro que Sartre apresenta fornece a peça que faltava. Determina o alicerce para acionar relações afirmativas e, no mesmo contexto, acionar atos pedagógicos para processar relações de apoio. Chama atenção de qualquer educador para alertar as pessoas em relação à liberdade e o cuidado com sua violação no campo social onde percebe-se que a liberdade e as suas consequências não afetam apenas a quem escolhe, mas também a toda a uma comunidade social.

Não há dúvida de que a educação bancária⁶ apontada por Freire (2005), e o estilo autoritário de educar não seria cabível na estrutura existencial refletida por Sartre. Em seu ensaio, *Em defesa dos intelectuais*, chamou aos educadores convencionais de “apologistas da classe dominante” (SARTRE, 1994, p. 13-53). Deu-lhes características como “homens de sinceridade” um roupage que usa para indicar um aspecto da má-fé; refutou o tipo de educação que afirma ser o educando é um quadro a ser riscado, preenchido. O que defende e o que na verdade, reflete sua filosofia é uma educação mais centrada no outro, dialógica, libertária, com percepção social, mais preocupada com outro, apaixonada pelo humano. Burstow (1999) entende nessa esfera:

Ele defende uma educação intrinsecamente ligada às necessidades do indivíduo. Quer o orientador seja chamado professor ou terapeuta, Sartre pede-lhe para auxiliar o ser humano a entrar em acordo com seu projeto individual, aceitar sua liberdade e sua facticidade, e emergir como ser único que é isso (BURSTOW, 1999, p. 33)

Com base na filosofia existencialista de Sartre o professor poderia possibilitar a nossas crianças e jovens a orientação que necessitam para tratar de forma refinada e harmônica os diversos problemas existenciais que se defrontarão ao longo da vida. O professor com essa base poderia contribuir para que a criança e o jovem não venham a escolher sem reflexão um projeto fundamental; poderia sem

⁶ O professor apresenta uma única via para explicar as situações relatadas pelos alunos: a ideologia em que ele acredita.

violam a liberdade de seus alunos, chamando-os a atenção para o que está acontecendo, ouvindo-os, apresentando outras maneiras de lidar com problemas. De forma mais geral, auxiliando nossos filhos e filhas a compreender a vida, compreender as diversas formas de viver essa vida, a amar e respeitar seu semelhante.

4.2 Breve histórico da Escola e o perfil do aluno participante da pesquisa

A escola E.E.M. Governador Adauto Bezerra onde os estudos e discussões sobre o existencialismo de Sartre foram realizados, está situada na Praça Manoel Jarbas Aguiar, S/N, Centro na cidade de Massapê, no estado do Ceará. Em seus 39 anos de tradição transformou-se em uma sólida instituição de ensino preocupada em valorizar e enriquecer a educação em sua cidade. É uma Escola pública de Referência em Gestão Escolar que busca sempre melhor atender a comunidade num resgate à cidadania como eixo norteador, além do conhecimento sistematizado.

Foi inaugurada em nove de março de mil novecentos e setenta e sete, pelo Excelentíssimo senhor governador do estado que deu nome a essa escola, Adauto Bezerra. A solenidade inaugural teve a presença do Prefeito da cidade João Alberto Siqueira Campos e outras autoridades civis, militares e eclesiásticas.

No início, a escola atendia somente 256 alunos de 1ª a 5ª séries do então 1º grau e a cada ano gradativamente foi sendo acrescida uma série até chegarmos ao 1º grau completo. No ano de mil novecentos e oitenta e seis, foi autorizado o ensino de 2º grau, o que foi um marco na trajetória da escola, tratava-se da primeira escola pública da cidade a oferecer 2º grau.

Durante o final do ano de mil novecentos e noventa e oito e início do ano de mil novecentos e noventa e nove, vivenciamos momentos de grande júbilo e alegria. A escola foi agraciada com o “Prêmio de Referência Nacional em Gestão”, concedido pela União das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura- UNESCO, pela União Nacional de Dirigentes Municipais de Educação- UNDIME e pelo Conselho Nacional de Secretários de Educação- CONSED em reconhecimento à sua qualidade em Gestão Escolar.

No ano de dois mil e seis, a Escola recebeu o título de “Escola Destaque”, concedido pela Secretaria de Educação Básica- SEDUC, pelo comprometimento com o sucesso dos alunos.

Algumas pessoas passaram pela direção, são elas:

- Francisca Lima Albuquerque- 1977 à 1992;
- Maria da Penha de Farias- 1993 à 2004;
- Maria Wanderliza Frota Azevedo- 2005 à 2008;
- Maria de Lourdes Laureano- 2009 à abril de 2018;
- Antonio Edinardo Araújo Lima – 2018 aos dias atuais.

Hoje a Escola conta com 784 alunos do 1º ao 3º ano do Ensino Médio sem habilitação, Educação de Jovens e Adultos do Ensino Médio (EJA V) nos turnos: matutino, vespertino e noturno, distribuídos na sede e extensão (Padre Linhares), sob a gestão da Antonio Edinardo Araújo Lima - Diretor, Anusa Ferreira Barbosa, Ana Maria Pinto, Maria de Lourdes Laureano, coordenadoras escolares, Cléa Alves Nascimento (Coord. Extensão), Ana Maria de Sousa - Secretária Escolar, Maria Eunice Farias Rosendo - Assessora Administrativa Financeira.

Em sua infraestrutura possui quadra poliesportiva, centro de multimeios: (sala de leitura, banco de livros, laboratórios de informática e de ciências), sala de recursos multifuncionais, praças de convivência, gruta abençoada por Nossa Senhora de Fátima, entre outras que faz de nossa escola um ambiente de referência educacional moderna e acolhedora.

Diante dos desafios impostos pela contemporaneidade, a E.E.M. Governador Aduino Bezerra tem construído sua história com base no respeito à diversidade e no compromisso para com a justiça social, buscando sempre atender bem sua clientela e oferecer-lhes um ensino condizente com seus anseios e expectativas. Assim desenvolve um trabalho pautado numa gestão democrática e participativa.

O perfil do corpo discente que compõe o quadro da escola é composto por adolescentes, a maioria deles advindos da área rural, distritos próximos a cidade de Massapê. São áreas sem muito apoio político, esquecidas até que o tempo de campanhas políticas são chegadas. São comunidades de baixa renda que necessitam de transporte público diariamente para chegar a escola; a maioria só tem o que comer na escola, uma motivação para estar presente nela todos os dias.

São jovens atingidos pela discriminação social e o medo da violência que cresce assustadoramente na cidade e seus distritos. Encontram na escola uma oportunidade para sonhar com um futuro melhor: um bom emprego que trará uma boa renda para sustentar família e ajudar os pais que até hoje lutam para dar aos mesmos o que eles nunca tiveram. São jovens fortes. Jovens que acreditam que a escola e os estudos podem levá-los muito longe, em lugares distantes de suas realidades determinantes. A escola para esses jovens não é apenas um prédio convencional, seria a escola um portal que os levará a conquistar seus intentos.

4.3 Reflexões sobre os dados de pesquisa

As reflexões expostas neste capítulo basearam-se em uma estratégia qualitativa de pesquisa. Para Triviños (1987) essa forma de pesquisa, marcada como qualitativo, trabalha os dados buscando seu significado, tendo como base a compreensão do que foi pesquisado dentro do seu contexto. O uso dessa metodologia procura buscar não só aprofundar-se, dando ao pesquisador a oportunidade de mergulhar nas essências do que fora pesquisado, explicando sua origem, relações e mudanças, e tentando intuir as consequências.

Para coletar dados usamos um questionário contendo 10 (dez) questões estruturadas abertas, tal questionário foi criado com base na filosofia existencialista de Sartre, sendo aplicado anterior ao estudo do livro *O existencialismo é um humanismo* e o mesmo questionário sendo aplicado posterior a esse estudo, oportunizando entender como as categorias existencialistas de nosso ator francês podem oferecer uma significativa mudança na forma de olhar o mundo e a própria existência. Segundo Cerro e Bervian (2002, p. 48), o questionário “[...] refere-se a um meio de obter respostas às questões por uma fórmula que o próprio informante preenche”. Ele pode conter perguntas abertas ou fechadas. As abertas possibilitam respostas mais ricas.

A aplicação do questionário aconteceu em um grupo focal, nesta técnica o pesquisador estimula os participantes a discutirem sobre um tema pré-selecionado, nesse grupo o livro: *O existencialismo é humanismo* fora o texto escolhido para os estudos e debate aberto entre os membros do grupo composto por 10 (dez) alunos do ensino médio. Para Minayo (2003), presente junto ao grupo, o pesquisador deve

exercer a função de moderador, intervindo sempre que seja necessário focalizar ou aprofundar a discussão.

As análises dos conteúdos (respostas) foram feitas seguindo o seguinte padrão: em um primeiro momento serão analisadas as repostas antes da discussão da temática no grupo focal, expondo a visão dos alunos, sem identificá-los, sobre diversos conceitos; no segundo, e último momento, analisaremos as respostas finais, depois da discussão sobre a temática, exposta no início deste capítulo.

Primeiro momento, anterior ao estudo e discussão da obra: o *existencialismo é um humanismo*.

Questão 01 - Como você define o ser humano que está no mundo?

Dos 10 (dez) alunos participantes da pesquisa, 05 (cinco) deles responderam nesta primeira pergunta que o ser humano é egoísta, cruel e desumanizado, acreditando que não há solução para maldade do homem no mundo. Os outros 05 (cinco) alunos, afirmaram que o ser humano usa de sua inteligência para realizar maldades, como consequência, temos os conflitos e guerras em escala mundial. Eis algumas respostas:

Ser humano é ser cheio de defeitos, mais defeitos que qualidades. Sabem que podem sempre fazer o bem, mas na maioria das vezes escolhemos fazer o mal. Devemos pensar mais nos outros também, e sempre me incluo nisso, sabendo que não sou perfeito. O ser humano é cruel e egoísta e sempre será uma incógnita, não devemos julgar e não aceitar o que ele faz (Aluno(a) do ensino médio).

Ainda irresponsável, ruim e cruel, pensam sempre em si mesmos e sempre agem sem pensar nas consequências (Aluno(a) do ensino médio).

Egocêntrico, apesar de ser racional, vejo que o ser humano usa pouco de sua racionalidade. Poucos ainda fazem o bem e os que fazem não são valorizados (Aluno(a) do ensino médio).

Um ser de muita importância para a continuação da vida no planeta, mas também um ser cruel (Aluno(a) do ensino médio).

Os seres humanos nesse mundo tem gostos, medos e costumes distintos, muitos são pessoas do bem, estão sempre tentando ajudar ao próximo. Já existem outros que vivem na maldade, violentos, outros que só se importam em si próprios. Eu posso definir o ser humano em geral como o ser que sempre vai pensar em si mesmo e esquecer do próximo (Aluno do ensino médio).

A criminalidade no ano de 2018 no estado do Ceará cresceu assustadoramente, todas as cidades são atingidas por essa onda de violência, até as consideradas mais calmas, isso inclui a cidade natal dos entrevistados. Suas respostas refletem o teor da violência e o medo que os atormentam.

Segundo o relatório do primeiro semestre de 2018 do Comitê Cearense pela Prevenção de Homicídios na Adolescência, no primeiro semestre de 2018, 514 meninos e meninas foram mortos violentamente no Estado. Apesar de essas mortes avançarem para o Interior, elas ainda se concentram predominantemente em poucas cidades: dez dos 184 municípios cearenses representam 70% desses homicídios.

Segundo momento, posterior ao estudo e discussão da obra: o *existencialismo é um humanismo*.

Questão 01 - Como você define o ser humano que está no mundo?

Dos 10 (dez) alunos participantes da pesquisa, 10 (dez) em suas respostas apontaram mudanças na forma de ver o homem e a si mesmo:

Não é possível definir com certeza o que é o ser humano. Pois os seres humanos estão em construção, em busca da sua essência, se aprimorando naquilo que acha bom, ou procurando aquilo que ele é bom (Aluno(a) do ensino médio)

Para mim a existência é um privilégio e um grande desafio para que nós sejamos o que queremos ser (Aluno(a) do ensino médio)

Um ser que busca sua essência através das escolhas (Aluno(a) do ensino médio).

Indomável, dono do próprio destino e responsável para traçar o próprio destino conforme escolher, mesmo que o caminho já esteja traçado, ainda é possível a mudança do ser humano que está no mundo, pois estamos em constante mudança (Aluno(a) do ensino médio)

Podemos fazer nosso destino com escolhas e atitudes (Aluno(a) do ensino médio).

Somos um nada, mas apenas o aqui e o agora (Aluno(a) do ensino médio)

Dependente do outro para escolher, pois essas escolhas afetam os outros (Aluno(a) do ensino médio).

Estamos nos definindo ao longo do tempo (Aluno(a) do ensino médio)

Somos definidos por nossas escolhas. Essas escolhas nos definirão (Aluno(a) do ensino médio).

Somos uma projeção, nunca estamos prontos e determinados e nunca conheceremos nossa essência (Aluno(a) do ensino médio).

A filosofia existencialista de Jean Paul Sartre auxilia a olhar nossa própria existência como um projeto futuro que merece um cuidado especial, pois nessa perspectiva o sujeito enquanto ser que está se projetando, ganhando forma. Assim, todos os passos em direção à construção deste projeto pessoal de vida são de responsabilidade deste sujeito. Portanto, culpar o outro pelas consequências de decisões tomadas em vida, seria inadequado, visto que assim, estaria agindo de má-fé.

Em termos filosóficos, todo objeto tem uma essência e uma existência. Uma essência, isto é um conjunto constante de propriedades; uma existência, isto é, uma certa presença efetiva no mundo. Muitas pessoas creem que a essência vêm antes e a existência depois. Esta ideia tem sua origem no pensamento religioso: de fato, quem deseja fazer uma casa deve saber o gênero do objeto que pretende criar: a essência precede a existência; e todos os que acreditam quem deus formou os homens, julgam necessário que ele o tenha feito de conformidade com sua ideia a respeito deles. Mas, inclusive os que não tem fé, conservam esta opinião tradicional de que o objeto jamais existiria senão em conformidade com sua essência, e o século XVIII inteiro pensou que havia uma essência comum a todos os homens, denominada natureza humana. O existencialismo considera, ao contrário, que nos homens e apenas nos homens a existência precede a essência. (FOULQUIÉ, 1975, p. 57.).

Na contemporaneidade, por influência do sistema capital que impele a maioria a se construir pelo consumo, existem vários motivos que nos leva a refletir que o existencialismo de Sartre torna-se uma alternativa para uma formação de indivíduos críticos e emancipados: a inclinação para a violência e sua utilização como mercadoria; a manipulação das massas através dos sistemas midiáticos; esportes que produzem uma forte tendência para agressão; o individualismo; o autoritarismo em certas camadas sociais, partidos políticos e concepções pedagógicas tradicionais da educação voltadas para a severidade, à repressão do medo e para o caráter manipulador.

Temos uma sociedade que a cada dia se torna incapaz de amar, isso se deve segundo Adorno (1995), a consciência coisificada que ele nomeia de *“fetichismo da técnica”*, que equivale a uma idolatria por coisas, máquinas, em si mesmas. Adorno aponta a educação como ferramenta eficaz no impedimento ao retorno da barbárie, considerando todas as atrocidades que aconteceram na segunda guerra mundial. É também neste sentido que a filosofia existencialista de

Sartre se apresenta: uma alternativa para alunos do ensino médio que se abrem para vida, mercado de trabalho e para o mundo se enxergarem como um ser dependente de mudanças e que a cada momento em suas vidas há o fluxo de mudanças em direção a formação humana.

Primeiro momento, anterior ao estudo e discussão da obra: o *existencialismo é um humanismo*.

Questão 02 - O que poderia significar para você a existência?

De 10 (dez) alunos, 05 (cinco) responderam tendo como base o mesmo pressuposto: que a existência seria uma oportunidade para crescer, aprender, traçar metas e objetivos; um caminho para ser feliz. Os demais afirmaram que a existência é algo que está aqui, o que vive, e para algumas pessoas a existência é cruel.

Tudo têm um destino, uma razão para, mas infelizmente nem todos têm uma existência, ou seja, não tem um destino, a maioria tem um destino cruel (Aluno(a) do ensino médio).

Uma oportunidade de crescer e aprender o que nos vêm a ser apresentado. Conviver com diversos problemas e mesmo assim encontrar uma saída, uma solução. Valorizar a vida, pois só nascemos uma vez (Aluno(a) do ensino médio)..

Traçar objetivos, ter realizações. Abraçar conquistas, ter capacidade para escolher entre o certo e o errado (Aluno(a) do ensino médio).

Existência é oportunidades e ser feliz (Aluno(a) do ensino médio).

É tudo que nos cerca objetivo ou subjetivo (Aluno(a) do ensino médio).

O que está aqui. O que vive. Isso é existência (Aluno(a) do ensino médio).

É o que define o aparecer de cada coisa (Aluno(a) do ensino médio).

Algo que está muito além dos meus conhecimentos, algo além da vida (Aluno(a) do ensino médio).

Uma oportunidade para fazer o bem ao próximo. Existimos para auxiliar o outro (Aluno(a) do ensino médio).

Existência é fazer com que tudo venha valer a pena. Devemos existir de fato e de verdade (Aluno(a) do ensino médio).

Segundo momento, posterior ao estudo e discussão da obra: o *existencialismo é um humanismo*.

Questão 02 - O que poderia significar para você a existência?

Todos os alunos responderam nesse segundo momento que existência é algo que precede a essência, como afirma Sartre em sua filosofia.

A existência vem primeiro, depois eu vou me fazendo (Aluno(a) do ensino médio).

Uma projeção. Somos colocados na terra. Existimos, mas temos o poder de escolher, e devemos escolher por nós mesmos, vivemos sozinhos no mundo. A partir de nossa existência vamos construindo nossa essência (Aluno(a) do ensino médio).

A existência é a primeira porta para a vida. O caminho que o ser humano prova e mostra sua essência (Aluno(a) do ensino médio).

É um caminho de oportunidades (Aluno(a) do ensino médio).

Uma construção de vida que inclui a montagem da personalidade (Aluno(a) do ensino médio).

A existência a partir de alguém que projeta alguma coisa para própria vida (Aluno(a) do ensino médio).

Algo que já foi posto como objeto. Faltando o homem existir e depois vai se achar no mundo (Aluno(a) do ensino médio).

É a maneira que você vive suas escolhas. Existir é uma forma de viver (Aluno(a) do ensino médio).

É necessário ter autenticidade para fazer valer sua existência, pois se você não souber ou não quiser fazer escolhas, tomar certas atitudes para um real significado, sua existência de nada vale (Aluno(a) do ensino médio).

Existência está indefinida. Para definir é preciso viver (Aluno(a) do ensino médio).

Para Sartre (1997), há uma forma de existir para o homem e a única seria por meio de escolhas e através delas, dependendo de como e qual escolha fizer, é que o homem surgirá no mundo e se construir. O homem primeiramente existe e, durante o processo de sua existência; ele se torna e vai construindo a essência; ou seja, a existência precede a essência, a essência é um construtor humano.

A filosofia de Sartre (1997), conclui que o ser humano é um ser-no-mundo, não em repouso, imóvel, mas um ser móvel, continuamente em movimento e em construção; no primeiro momento esse homem se reduz a nada e embasa sua construção diante desse nada que é; nesse primeiro momento ele não se determina, é por esse motivo que o homem vive em busca do sentido da vida, valorizando cada ação e experiência na formação do mesmo.

Sartre (1997) continua afirmando, que há um desejo posto no ser humano e em sua realidade, o desejo de ser o nada, isso pelo fato de ser um projeto inacabado. A busca pelo sentido da vida se efetiva no ser humano por ser esse projeto que questiona a própria realidade, a construção de tudo a sua volta e a sua própria subjetividade. A sua insatisfação quer ultrapassar suas próprias muralhas e barreiras, pois a indeterminação, incompletude são atividades que definem a própria liberdade do homem enquanto projeto autoconstrutor.

Primeiro momento, anterior ao estudo e discussão da obra: o *existencialismo é um humanismo*.

Questão 03 - Para você, o que significa Liberdade?

De 10 (dez) alunos, 05 (cinco) acreditam que liberdade é fazer tudo que desejam; 03 (três) alunos acreditam que liberdade é livre arbítrio, que podem fazer tudo, porém respeitando as leis existentes; 01 (um) afirma não existir liberdade; 01 (um) se expressa apontando que liberdade é fazer o que queremos, todavia respeitando o outro.

É fazer tudo que se deseja, mas nem tudo o que é desejado. Pode ser para o nosso próprio bem (Aluno(a) do ensino médio).

Fazer o que lhe faz bem, aquilo que você quer de verdade, fazer suas escolhas independente da opinião dos outros, ser quem você realmente quer ser (Aluno(a) do ensino médio).

Livre arbítrio, liberdade de se expressar, com responsabilidade, sem passar por cima das leis (Aluno(a) do ensino médio).

É ter direitos, segurança, educação, ser livre para tomar sua decisão, ter direito de fazer aquilo que ama, seja uma profissão, ou algo que planejou na vida (Aluno(a) do ensino médio).

É algo que ninguém tem, pois se eu fosse livre, poderia fazer qualquer coisa. Acho muito engraçado quando as pessoas dizem que um pássaro é livre, pois ele está condenado a viver voando (Aluno(a) do ensino médio).

Liberdade é fazer tudo sem ser obrigado por outras pessoas a fazer o que você não quer (Aluno(a) do ensino médio).

Ser livre é não infringir a liberdade de outra pessoa. É ser livre para viver e fazer o que quer (Aluno(a) do ensino médio).

Liberdade é um direito do ser humano ou bicho, ou que existe. É uma característica existencial. Consiste em não se prender a algo ou alguém. É fugir de um plano individual acreditando em si (Aluno(a) do ensino médio).

É ter oportunidades de fazer sempre o que acha melhor para si (Aluno(a) do ensino médio).

É poder se expor com limites (Aluno(a) do ensino médio).

Segundo momento, posterior ao estudo e discussão da obra: o *existencialismo é um humanismo*.

Questão 03 - Para você, o que significa Liberdade?

Dos 10 (dez) alunos, 02 (dois) afirmam que liberdade é traçar o próprio o caminho; 03 (três) apontam que liberdade está ligada a escolhas e essas com responsabilidade; 02 (dois) concluem que liberdade é uma condenação, e 03 (três) alunos escrevem que liberdade é fazer próprias escolhas, porém respeitando o próximo.

O sentido de ter ao alcance uma felicidade inexplicável, e poder compartilhá-la com os amigos, e mesmo que alguém não aceite, você sabe que essa alegria lhe faz livre de todo rancor. Liberdade de traçar o próprio caminho (Aluno(a) do ensino médio).

Liberdade está ligada as escolhas. Escolho o melhor para mim, mas sempre com responsabilidade (Aluno(a) do ensino médio).

Liberdade é um condenação, nem um pássaro está livre, pois está condenado a voar eternamente (Aluno(a) do ensino médio).

Fazer suas próprias escolhas e viver como você achar melhor, mas essa liberdade tem limite nas outras pessoas (Aluno(a) do ensino médio).

Não há liberdade, ninguém nesse mundo é livre. Liberdade é uma condenação em escolher eternamente (Aluno(a) do ensino médio).

É planejar o futuro pensando em nós e nos outros (Aluno(a) do ensino médio).

Liberdade nada mais é do que ser livre para vive e fazer nossas escolhas sem que ninguém diga o contrário, nós nascemos livres e temos direito de fazer nossas escolhas (Aluno(a) do ensino médio).

É ter o direito de fazer o que achamos melhor sem afetar o próximo (Aluno(a) do ensino médio).

Escolhas apenas. Apenas escolhas (Aluno(a) do ensino médio).

Liberdade é planejar sozinho sem interferência do outro. É arriscar-se sozinho sem ter alguém para ensinar o que é a vida (Aluno(a) do ensino médio).

O homem tem em seu poder a forma de se construir através de suas escolhas, essas são feitas no decorrer de sua própria existência, acompanhadas de

um assombroso sentimento de angústia, pois o campo de oportunidades apresenta várias opções. Para Sartre (1997), o homem nasce, vive e se constrói de forma solitária, sem auxílios anteriores a sua existência no mundo; não existe em sua filosofia um plano prévio que aponte para o futuro o que poderá surgir, pois a liberdade humana é carregada da falta de obrigação a qualquer coisa que se apresente.

A possibilidade de ser alguma coisa parte da liberdade de escolher, as escolhas para a filosofia existencialista é o único caminho que tem o ser humano para se fazer e encontrar sua essência. É a decisão que toma entre as diversas alternativas que se apresenta que compõe sua essência, e que lhe permite criar seus próprios valores. Não há espaço para fugas em mundo onde o homem se constrói escolhendo, pois até mesmo o não escolher se estabelece como uma escolha. Isso é angustiante.

A essência se realiza e se apresenta quando o homem escolhe. Sartre (1997) enfatiza que com essa árdua tarefa, surge a inquietação existencial; o ser humano sofre com a responsabilidade de ter que decidir, sem ajuda, sempre que a vida o posiciona diante de inúmeras opções e o mesmo por si tem a tarefa de realizar uma escolha.

E mesmo que esta atitude lhe gere muitas vezes inquietação, agonia e angústia. Sua postura nesta situação pode tomar as mais variadas formas: acomodar-se, aceitá-la ou mesmo combatê-la. Mas, sobretudo, de afirmar-se nesta tarefa e assumir a responsabilidade por suas opções, sejam essas quais forem.

Primeiro momento, anterior ao estudo e discussão da obra: o *existencialismo é um humanismo*.

Questão 04 - Você tem um projeto pessoal de vida? Se não. Justifique sua resposta.

Dos 10 (dez) alunos, 08 (oito) responderam sim, tenho um projeto de vida: trabalho, faculdade, filhos, família, um bom futuro; e 02 (dois) responderam não, ainda não pensaram sobre um projeto pessoal de vida.

Sim. Conseguir fazer uma boa faculdade para poder me formar e ser uma pediatra (Aluno(a) do ensino médio).

Não. Até agora não pensei em algum projeto de vida, não aqueles de superação. Já pensei em meios de vida, sendo leve e sem problemas. Não sei o que pensar (Aluno(a) do ensino médio).

Sim. Tenho planos e objetivos a serem cumpridos (Aluno(a) do ensino médio).

Projeto para a vida não tenho. Aprendi que ter um projeto para a vida não é você ter o que você quer no futuro, pois vai ter algo para lhe atrapalhar, porque se não há destino esse projeto vai desabar, eu já tive um projeto de trabalhar com meu tio e ele morreu trabalhando (Aluno(a) do ensino médio).

Sim. Tenho um filho e pretendo me casar e viver com meus próprios recursos (Aluno(a) do ensino médio).

Sim. E acredito que isso seja bom para o futuro. Se Deus quiser, pois sabendo aquilo que quisermos, podemos insistir naquilo e nos aperfeiçoarmos nisso (Aluno(a) do ensino médio).

Sim. Construir uma família, ter filhos, ter um bom emprego, para isso tenho suar a camisa. Não consigo parar para estudar, o caminho não é fácil (Aluno(a) do ensino médio).

Sim. A futura formação técnica em panificação, abrir um restaurante ou coisa do tipo e buscar cada vez mais especializações em coisas que tenha a ver comigo (Aluno(a) do ensino médio).

Sim. Quero me formar em jornalismo, conseguir um bom emprego fazer um intercâmbio, de preferência para o Canadá e dar uma vida digna para os meus pais quando eles estiverem com idade bem avançada (Aluno(a) do ensino médio).

Sim. Alcançar a faculdade de direito e de enfermagem (Aluno(a) do ensino médio).

Segundo momento, posterior ao estudo e discussão da obra: o *existencialismo é um humanismo*.

Questão 04 - Você tem um projeto pessoal de vida? Se não. Justifique sua resposta.

Dos 10 (dez) alunos, 05 (cinco) responderam que ainda não tinha um projeto de vida, que precisavam refletir mais sobre o assunto; 04 (quatro) responderam sim, que tinham um projeto de vida: trabalho, faculdade, filhos, família, um bom futuro; e 01 (um) respondeu que seu projeto estava agora em construção.

Não. No momento sou nada. Não me espelho em ninguém, sigo fazendo as escolhas que me convencem e que me deixam bem. Se eu errar, volto, corrijo e continuo. A essência é criada vivendo (Aluno(a) do ensino médio).

Sim. Continuo a acreditar que posso ser uma grande pediatra, agora com mais força, pois acredito que o poder está em mim para o realizar (Aluno(a) do ensino médio).

Até o momento, não pensei ainda em um projeto pessoal de vida, não esses que envolvem um lucro alto, mas sim de superação, ou seja, pensei em meios de vida que superem o que vivo hoje (Aluno(a) do ensino médio).

Não. Isso é algo que precisa ser planejado, e deve ser algo meu, não é porque vi alguém fazendo um projeto de vida que devo fazer o mesmo, porque sei o que é melhor para mim (Aluno(a) do ensino médio).

Ainda não tenho. Com as reflexões sobre existencialismo que tivemos, agora preciso pensar melhor esse projeto pessoal (Aluno(a) do ensino médio).

Não. Mas preciso tomar minhas próprias decisões (Aluno(a) do ensino médio).

Sim. Ter uma maneira de viver apenas minha baseada em minhas escolhas (Aluno(a) do ensino médio).

Parei para pensar e agora estou construindo algo novo em minha vida (Aluno(a) do ensino médio).

Sim. Ter um bom emprego e família, mais isso vai acontecer se eu fizer boas escolhas (Aluno(a) do ensino médio).

Para Sartre (2013), o ser humano vive o projeto que nomeia para si próprio. As percepções de uma moral e de uma natureza humana que existam no mundo em que o mesmo se estabelece, para o existencialismo só existem em termos de negação. Sartre enfatiza que com as situações em que o homem vive acabará por tomar decisões, mas não importa a situação que se apresenta, terá o homem que escolher e decidir qual situação enfrentar. Escolhendo o seu próprio caminho, estará escolhendo uma imagem pessoal de humanidade que influenciará socialmente.

O quietismo é a atitude das pessoas que dizem: os outros podem fazer aquilo que eu não posso fazer. A doutrina que vos apresento é justamente a oposta ao quietismo, visto que ela declara: só há realidade na ação; e vai aliás mais longe, visto que acrescenta: o homem não é senão o seu projeto, só existe na medida em que se realiza, não é, portanto, nada mais do que o conjunto dos seus atos, nada mais do que a sua vida. De acordo com isto podemos compreender por que a nossa doutrina causa horror a um certo número de pessoas (SARTRE, 2013, p. 13).

Conclui dessa forma que o existencialismo combate o quietismo, o estado de não ao movimento de construção pessoal, por alicerçar o existencialismo na prática humana. A formulação de projeto só se sustenta em um quadro onde há ação humana e é através dessas ações que o mundo o conhece.

Dessa forma indicamos ao mundo o que somos e, ao escolher gritamos para a humanidade o que é o certo ou errado, o que é isso ou aquilo.

Escolher isto ou aquilo é afirmar ao mesmo tempo o valor do que escolhemos, porque nunca podemos escolher o mal, o que escolhemos é sempre o bem, e nada pode ser bom para nós sem que o seja para todos (SARTRE, 2013, p. 7).

Primeiro momento, anterior ao estudo e discussão da obra: o *existencialismo é um humanismo*.

Questão 05 - Quando você comete um erro grave, gerando consequências ruins, qual sua atitude?

Dos 10 (dez) alunos, 04 (quatro) responderam que de alguma forma tentam resolver, concertar o que fizeram; 01 (um) respondeu que foge do problema; 01 (um) respondeu que busca ajuda com os seus pais; 01 (um) respondeu que não faz nada; 01 (um) respondeu que reflete muito depois que comete o erro; 01 (um) respondeu que espera ver o que acontece em seguida; 01 (um) respondeu que fica rindo, apenas rindo quando comete erros.

Tentar me desculpar com essa pessoa ou mostrar o porque dessa atitude (Aluno(a) do ensino médio).

Fujo dos problemas, fico evitando problemas (Aluno(a) do ensino médio).

Recorro aos meus pais para me ajudarem a arrumar a besteira que fiz (Aluno(a) do ensino médio).

Fico super mal com tudo e vou tentar resolver, as vezes (Aluno(a) do ensino médio).

Na maioria das vezes tento assumir o erro e busco concertar (Aluno(a) do ensino médio).

Vai depender de como eu me sinto com erro que cometi. Se não sinto nada, não faço nada (Aluno(a) do ensino médio).

Tento me redimir de alguma forma, não sei como, mas na hora procuro me redimir (Aluno(a) do ensino médio).

Me culpo o tento todo e reflito muito (Aluno(a) do ensino médio).

Fico nervoso e esperando ver o que acontece em seguida (Aluno(a) do ensino médio).

Fico rindo do que fiz. Apenas rindo de tudo (Aluno(a) do ensino médio).

Segundo momento, posterior ao estudo e discussão da obra: o *existencialismo é humanismo*.

Questão 05 - Quando você comete um erro grave, gerando consequências ruins, qual sua atitude?

Nos segundo momento, todos os alunos responderam que o correto é buscar assumir e de alguma forma tentar solucionar o problema, criado por ações ruins e mal pensadas; afirmam que estão em reflexão sobre suas próprias ações.

Procuro resolver, buscar pedir desculpas, refletir e buscar não cometer mais o mesmo erro (Aluno(a) do ensino médio).

Admitir meu erro e buscar concertar tudo (Aluno(a) do ensino médio).

O certo é pedir desculpas e buscar corrigir os erros para não gerar algo maior (Aluno(a) do ensino médio).

O certo é assumir o erro e procurar uma forma de resolver o que eu fiz de errado (Aluno(a) do ensino médio).

Preciso repensar, refletir, assumir meu erro e tomar uma decisão (Aluno(a) do ensino médio).

Aquilo foi minha escolha, se eu fiz escolhas ruins, seja falar algo que não devo ou até mesmo magoar alguém, aquilo foi gerado por mim. Por conta de minhas escolhas, mas no final sei que estou errada então peço desculpas (Aluno(a) do ensino médio).

Agora entendo que eles precisam ser corrigidos. O culpado sou eu e eu tenho que corrigir meus erros e aprender com eles (Aluno(a) do ensino médio).

Estou tomada de angústia e tristeza. Sempre culpei os outros por meus erros. Vou agir diferente agora (Aluno(a) do ensino médio).

Devo buscar a saída correta, procurando corrigir (Aluno(a) do ensino médio).

Repensar o erro e procurar na mente a possível solução, assumir esse erro e tirar lição para minha vida (Aluno(a) do ensino médio).

A ética não se fundamenta apenas em princípios, ela também exige aplicações. Não se estabelece apenas em discussões sobre seu conteúdo, porém requer introduzi-los na prática diária. Está envolvida na ação das pessoas: como elas agem e como de verdade devem estabelecer suas ações. Por esta diretamente condicionada à praticidade humana, a ética não surge anterior a nenhum de seus

princípios sem que os deixemos de cumpri-los, não haveria necessidade de debates se a ética fosse cumprida nas ações diárias.

É na ação, na prática que a ética considera seu desenvolvimento. Nem todos os homens mostram capacidade de compreender e nem de agir conforme a ética. Devido essa falta de compreensão temos os crimes e as perversões de toda natureza. Quando uma ação é desenvolvida, deve-se consultar a consciência e perguntar se essa ação é boa ou ruim. Admitir erros e seu reconhecimento diante de si e dos outros também tem conteúdo ético. Assumi-los é encurtar o caminho entre os princípios éticos e sua prática no cotidiano.

Afirmar que seu próximo é culpado pelos seus próprios erros é o que Sartre (1997), considera agir de má-fé. O caminho prático da ética nos leva a compreensão que a vida humana está em um pêndulo entre o interesse de cada um e a necessidade de todos agirem com boa-fé em relação aos interesses dos outros. Pensar em si é normal. O ser humano torna-se ético quando descobre o caminho para agir bem e procura corrigir seus próprios erros em relação ao seu semelhante.

Primeiro momento, anterior ao estudo e discussão da obra: o *existencialismo é um humanismo*.

Questão 06 - Qual padrão, o modelo que você usa para tomar suas decisões e fazer suas escolhas?

Dos 10 (dez) alunos, 09 (nove) responderam que buscam opiniões dos amigos, pais, revistas e TV; 01 (um) respondeu que segue sua própria intuição para tomar suas decisões.

Busco opiniões dos outros de pessoas que entende do assunto (Aluno(a) do ensino médio).

Procuro conselhos com meus amigos (Aluno(a) do ensino médio).

Procuro ler algo em jornais, revistas e TV (Aluno(a) do ensino médio).

Pergunto para alguém o que ela faria no meu lugar então tomo uma decisão em cima disso (Aluno(a) do ensino médio).

Sigo minha intuição (Aluno(a) do ensino médio).

Seguindo o que é certo e fazendo o que a maioria faz (Aluno(a) do ensino médio).

Observo todas pessoas e tento o melhor caminho (Aluno(a) do ensino médio).

Procuo meus pais (Aluno(a) do ensino médio).

Sou muito indeciso, converso com pessoas próximas a mim, procuro alguém que já tenha passado por situação parecida (Aluno(a) do ensino médio).

Os que tem sucesso pelos esforços. Sigo esses (Aluno(a) do ensino médio).

Segundo momento, posterior ao estudo e discussão da obra: o *existencialismo é um humanismo*.

Questão 06 - Qual padrão, o modelo que você usa para tomar suas decisões e fazer suas escolhas?

Dos 10 (dez) alunos, 02 (dois) responderam que buscariam tomar suas próprias decisões sem interferência dos outros; 02 (dois) responderam que seguiriam suas próprias razão; 02 (dois) responderam que iam procurar conversar com os pais e discutir o assunto antes de tomar suas decisões; 01 (um) respondeu que estava disposto a tomar melhores decisões depois das reflexões no grupo; 03 (três) responderam que iam avaliar o cenário antes de tomar decisões.

Vou pelas minhas atitudes, aprendendo como é a vida. E assim eu vou conseguir alcançar os meus objetivos, tendo a mim mesmo como espelho (Aluno(a) do ensino médio).

Tendo seguir minha razão, meus padrões colhidos durante toda a vida. Sei que buscar ajuda ou seguir opiniões podem ser as piores saídas (Aluno(a) do ensino médio).

Vou procurar a partir de hoje conversar com meus pais, discutir o melhor caminho pra minha vida (Aluno(a) do ensino médio).

Vou seguir o caminho que me fizer sorrir, independente do que acontecer (Aluno(a) do ensino médio).

Vou seguir meu coração e tentar tomar as melhores decisões a partir de agora (Aluno(a) do ensino médio).

Primeiramente conversar com os pais, refletir e eu mesma tomar minha decisão (Aluno(a) do ensino médio).

Observar, avaliar. Geralmente sinto medo. Estou ansioso (Aluno(a) do ensino médio).

Estou sozinha, ninguém irá decidir por mim ou escolher por mim, estamos sozinhos e somos jogados no mundo por nós mesmos (Aluno(a) do ensino médio).

Pensar, refletir e tomar uma decisão (Aluno(a) do ensino médio).

As vezes procuro opiniões, agora acho que isso é agir de má fé, mas acho que vou seguir minha razão e tomar minhas decisões (Aluno(a) do ensino médio).

Segundo Sartre (1987), estamos simplesmente condenados a liberdade. Essa é a sentença do filósofo francês para a humanidade. Sartre em sua filosofia leva-nos a refletir sobre o sentido que damos ou tentamos dá à própria vida. Para ele, não nascemos com uma função e um futuro predestinado como qualquer objeto fabricado por mãos humanas. Antes de qualquer escolha que venhamos a fazer, somos nada, a escolha nos constituirá. Vamos, a cada escolha nos moldando, e toda essa liberdade requer do homem uma enorme responsabilidade e isso gera muita angústia. Essa angústia é ainda maior quando percebemos que nossas ações são um espelho para a sociedade.

Estamos em uma ação contínua no tempo e espaço indicando através de uma pintura, onde o pincel são nossas escolhas, esse quadro indica como deveria ser a sociedade em que vivo e participo, escolher é construir essa sociedade. Sartre (1987), defende que temos total liberdade para escolher o que queremos ser em nossa vida ou o que fazer com ela.

Boa parte de nossa autonomia é retirada quando nossos projetos pessoais entram em conflito com os milhares de projetos existentes. Diante disso, surge a necessidade de refletir antes das escolhas para não haver interferência nas escolhas dos outros projetos e acabar por definir e influenciar a forma de existir de cada um. Segundo Cox (2010), dependendo do olhar do outro para reconhecer meus próprios erros e acertos.

Primeiro momento, anterior ao estudo e discussão da obra: o *existencialismo é um humanismo*.

Questão 07 - Você se considera responsável?

Dos 10 (dez) alunos, 05 (cinco) responderam que não são responsáveis; 02 (dois) responderam que são mais ou menos responsáveis; 01 (um) respondeu que tenta fazer as coisas que acha que é correto fazê-las; 01 (um) respondeu que é responsável; 01 (um) respondeu que é apenas um pouco responsável.

Não. Por não saber o limite de quando parar (Aluno(a) do ensino médio).

Mais ou menos, eixo pra fazer as coisas na ultima hora (Aluno(a) do ensino médio).

Tento fazer as coisas que acho certo fazer (Aluno(a) do ensino médio).

Mais ou menos (Aluno(a) do ensino médio).

Me considero responsável na hora que é pra ser (Aluno(a) do ensino médio).

Não. Pois se eu fizer algo de errado sei que não vou poder me responsabilizar. Ainda não me considero uma pessoa responsável.
Em partes sim (Aluno(a) do ensino médio).

Não. Acredito que ela surja com o tempo e eu ainda não a adquiri (Aluno(a) do ensino médio).

Ainda não. Pois não tenho muita noção do que é a vida, não possuo tanto poder para decidir sobre algo mais sério (Aluno(a) do ensino médio).

Sou responsável só um pouquinho (Aluno(a) do ensino médio).

Segundo momento, posterior ao estudo e discussão da obra: o *existencialismo é um humanismo*.

Questão 07 - Você se considera responsável?

Dos 10 (dez) alunos, 09 (cinco) responderam que precisam mudar, esperar novas oportunidades para fazer melhor; 01 (um) respondeu que muitas vezes se considera responsável.

Vou esperar os próximos momentos para tentar ser melhor (Aluno(a) do ensino médio).

Responsável é aquele que se responsabiliza por tudo. Mas tem algumas coisas que dar para ser responsável (Aluno(a) do ensino médio).

Ser responsável gera angústia porque pesa sobre nós um grande peso (Aluno(a) do ensino médio).

Não. É algo construído, preciso de tempo (Aluno(a) do ensino médio).

Ainda não, mas vou fazer o Maximo para ser uma pessoa melhor (Aluno(a) do ensino médio).

Muitas vezes sim, mas depende da situação (Aluno(a) do ensino médio).

Normal. Sigo aquela escolha em que eu olho e que me faz sorrir. Sigo meu coração, independente do que dizem (Aluno(a) do ensino médio).

Ainda não (Aluno(a) do ensino médio).

No momento não me considero, pois preciso pensar mais sobre isso (Aluno(a) do ensino médio).

Não. Porque minhas atitudes irresponsáveis geram problemas e para mim isso precisa mudar (Aluno(a) do ensino médio).

Para Sartre o homem é absolutamente responsável pelas escolhas que fizer não há destino para determinar como este homem será, apenas ele, através do escolher. Existindo, terá que existir sem desculpas e sem apoio. Desta maneira, Sartre apresenta duas questões: na primeira, coloca um grande “peso nas costas” do ser que faz escolhas; na segunda, tira o fardo, indicando que o homem não poderá ser o que não escolheu ser.

Mas, por ser livre, o Para-Si, ao surgir, apenas existe, descobre-se no mundo, vazio, uma total indeterminação de si mesmo. No começo, não é nada - apenas uma “possibilidade de ser”. A partir dessa pura existência, o homem se faz a si mesmo e cria a sua essência. Isso explica o princípio sartreano de que “a existência precede a essência” (PERDIGÃO, 1995, p. 90).

Até aqui podemos concluir que o homem é definitivamente livre, surge no mundo como liberdade e tem em seu poder a oportunidade de e formar o homem e construir o mundo em que desejar viver, pois conforme diz nosso autor: “Ao afirmarmos que o homem se escolhe a si mesmo, queremos dizer que cada um de nós se escolhe, mas queremos dizer também que, escolhendo-se, ele escolhe todos os homens” (SARTRE, 1987, p. 6). Concluir que a existência precede a essência não significa uma escolha ausente de responsabilidades, pois requer decisões que percorrem o espaço individual e de uma forma ou de outra atinge a esfera social.

É claro que desta relação surgirão diálogos e diversos conflitos, já que nossa escolha é sempre uma escolha do universal, ou seja, é um particular que escolhe o universal e quer se impor como tal. “Porém, na verdade, devemos sempre perguntar-nos: o que aconteceria se todo o mundo fizesse como nós?” (SARTRE, 1987, p. 7).

Primeiro momento, anterior ao estudo e discussão da obra: o *existencialismo é um humanismo*.

Questão 08 - Você acha que seu destino já está traçado por Deus? Se não. Justifique sua resposta.

Dos 10 (dez) alunos, 10 (dez) responderam que sim, Deus decidiu meu destino. No segundo momento

Ainda acredito que Deus tem influência sobre tudo, mas também eu decido (Aluno(a) do ensino médio).

Continuo acreditando em Deus, mas acredito em uma amizade e parceria (Aluno(a) do ensino médio).

Não. O homem simplesmente existe. Mas acredito na existência de Deus (Aluno(a) do ensino médio).

Não. Mas acho que Ele mostra caminhos para escolhermos o melhor (Aluno(a) do ensino médio).

Não sei. Mas irei fazer o possível para ser do meu jeito (Aluno(a) do ensino médio).

Não. Mesmo ele sendo poderoso e prescrever um caminho para todos, ainda é possível que ele mude a rota, e esse destino possa ser outro dependendo de nossas atitudes na vida (Aluno(a) do ensino médio).

Não. Pois nunca estaremos prontos e determinados (Aluno(a) do ensino médio).

Não. É como responsabilidade, é algo feito por nossas escolhas de acordo com o tempo (Aluno(a) do ensino médio).

Acho que sim, pois as coisas acontecem sem nossa interferência. Quem mais poderia está interferindo em nossa existência? (Aluno(a) do ensino médio)

A vida é como um livro e apenas está escrito o que vivemos até agora o resto está em branco para quando o futuro chegar possamos escrever (Aluno(a) do ensino médio).

Nas obras: O Existencialismo É um Humanismo e O Ser e o Nada, percebemos e entendemos que Sartre apresenta a divindade e o coloca como autor injustificável da ação. Com isso, entendemos que a existência com a presença do ser divino é irrelevante para o autor francês.

O secularismo de seus avós o levou a abandonar, ainda jovem, a existência de Deus, sem que posteriormente o Todo-Poderoso pudesse chegar ao centro do seu pensamento e ganhar espaço em sua filosofia. O Criador que lhe deram na infância é incapaz de retirar a gratuidade das coisas e dar ao homem uma necessidade segundo sua teoria. Isso pode ser visto na obra *O Existencialismo é um Humanismo*, na qual se percebe que não é preciso superar a ideia de Deus, mas apenas mostrar que sua existência é indiferente para questões humanas, pois a partir do momento em que nos foi dada liberdade, Deus é colocado fora de questão.

No *Existencialismo é um Humanismo*, para explicar a ideia de liberdade, Sartre mostra que o homem, diferentemente de um objeto, não foi produzido com determinada finalidade e não contém em si uma essência definida anterior à sua existência. O homem surge no mundo ao acaso e, de início, é apenas um projeto aberto a possibilidades que vive a si mesmo. Por conseguinte, ele será o conjunto de seus atos.

A falta de essência implica que não exista nada na base do ato que justifique a ação, ao mesmo tempo em que a ação não tenha um objetivo definido dado de antemão. Uma vez que o homem não tem *Ser* definido, retira-se dele também suas inclinações, fundamentos e necessidades. Dessa forma, ele está entregue à contingência. A possibilidade de inventar a si mesmo e a seus valores na ação é o que chamamos de liberdade.

Primeiro momento, anterior ao estudo e discussão da obra: o *existencialismo é um humanismo*.

Questão 09 - Por que frequenta a escola?

Dos 10 (dez) alunos, 03 (três) responderam que a escola é um espaço para ajudar a sonhar com coisas melhores para si e para família; 01(um) respondeu que frequenta por que gosta de estudar, e que encontra nesse espaço liberdade para fazer amizades; 02 (dois) responderam que frequentam para aprender mais sobre o mundo que os cercam; 01 (um) respondeu que frequenta a escola para construir-se, se ela mesma; 01 (um) respondeu que a escola é um caminho para uma boa via e um bom emprego; 01 (um) respondeu que a escola o auxiliaria na conquista de uma boa formação para ajudar a família; 01 (um) respondeu que deseja o melhor para si, a escola oferece esse melhor.

Para sonhar. É preciso estudar, lutar pelas nossas conquistas (Aluno(a) do ensino médio).

Gosto de estudar e gosto dos meus amigos e meus professores (Aluno(a) do ensino médio).

Para não me entregar logo a ignorância. Frequentar para aprender coisas novas que geralmente não faço em casa (Aluno(a) do ensino médio).

É um lugar onde posso ser eu mesma (Aluno(a) do ensino médio).

Talvez tenha algo par o futuro e posso precisar dos ensinamentos (Aluno(a) do ensino médio).

A escola é uma base para nosso aprendizado (Aluno(a) do ensino médio). É na escola que começa o caminho para uma boa vida e um bom emprego (Aluno(a) do ensino médio).

Para me formar e ajudar minha família e quem esteja precisando de mim (Aluno(a) do ensino médio).

Quero o melhor para mim e o melhor é a escola, os ensinamentos e conselhos são bons para a vida (Aluno(a) do ensino médio).

Para um bom futuro (Aluno(a) do ensino médio).

Segundo momento, posterior ao estudo e discussão da obra: o *existencialismo é um humanismo*.

Questão 09 - Por que frequenta a escola?

Dos 10 (dez) alunos, 04 (três) responderam que a escola é um espaço para ajudar a construir seus projetos de vida; 01(um) respondeu ainda não saber o motivo; 02 (dois) responderam que frequentam para serem pessoas melhores; 01 (um) respondeu que frequenta a escola para entender e interpretar o mundo; 01 (um) respondeu que a escola é um caminho vital, é necessário passar pela mesma; 01 (um) respondeu que tudo começa pela escola.

Não sei ainda (Aluno(a) do ensino médio).

Preciso que meu futuro seja bom. A escola é necessária para ajudar nessa construção (Aluno(a) do ensino médio).

Um espaço onde construo amizades para ter apoio nos projetos futuros (Aluno(a) do ensino médio).

Para poder ser melhor como pessoa (Aluno(a) do ensino médio).

Me ajuda a ser uma pessoa melhor. Tornou-se muito importante na minha vida, é o melhor caminho para uma pessoa que deseja o melhor futuro. Eu tenho certeza que um dia a escola vai me ajudar a escolher melhor e certo (Aluno(a) do ensino médio).

Me ajuda a entender e interpretar o mundo (Aluno(a) do ensino médio).

Preciso passar pela escola, colher conhecimento para ajudar nos próximos passos (Aluno(a) do ensino médio).

Tudo que sonho começa e passa essencialmente por aqui (Aluno(a) do ensino médio).

Por causa do meu projeto de vida, sei que se quiser conquistar algo esse é o melhor caminho (Aluno(a) do ensino médio).

É aqui que começa a construção do meu projeto de vida (Aluno(a) do ensino médio).

A defesa formulada por Sartre pretende, assim, demonstrar que a filosofia existencialista não incita ao individualismo, muito menos inscreve as ações dos homens na gratuidade. Em outras palavras, é possível observar, nos argumentos do filósofo que cada indivíduo é absolutamente responsável por si mesmo e pela sociedade.

Desse modo, Sartre não trata, especificamente, da educação formal ou informal, não indica uma pedagogia, ou um método de ensino. No entanto, em suas formulações, identificam-se muitos conceitos pertinentes à educação, entre eles, o de escolha. A capacidade de fazer escolhas é algo próprio do homem, e esta capacidade é exercida de acordo com a situação apontada por Sartre como condição para que a liberdade se manifeste, que inclui, também, os conhecimentos que adquirimos no decorrer da vida em nossas relações com o outro.

Para obter uma verdade qualquer sobre mim, necessário é que eu passe pelo outro. O outro é indispensável à minha existência, tal como, aliás, ao conhecimento que eu tenho de mim. Nestas condições, a descoberta da minha intimidade descobre-me ao mesmo tempo o outro como uma liberdade posta em face de mim, que nada pensa, e nada quer senão a favor ou contra mim (SARTRE, 2013, p. 16).

Aprendemos com outros indivíduos a compreender a nós mesmos e a nossa situação, e, neste aspecto, na filosofia existencialista é possível identificar um caminho educacional. Para Sartre, o homem se faz, escolhe sua moral e “[...] a pressão das circunstâncias é tal que não pode deixar de escolher uma” (SARTRE, 2013, p. 18).

Primeiro momento, anterior ao estudo e discussão da obra: o *existencialismo é um humanismo*.

Questão 10 - O que é agir de má-fé?

Todos os alunos responderam que agir de má-fé está relacionado a ações que levam prejuízos ao outro, realizar maldades ao próximo.

Querer fazer algo de mal para alguém na tentativa de conseguir, e a pessoa acabe se dando mal (Aluno(a) do ensino médio).

Ferrar outra pessoa (Aluno(a) do ensino médio).

Agir com má vontade, fazer as coisas sem querer para prejudicar alguém (Aluno(a) do ensino médio).

Segundo momento, posterior ao estudo e discussão da obra: o *existencialismo é um humanismo*.

Questão 10 - O que é agir de má-fé?

Dos (10) alunos, 04 (quatro) responderam que seria a fuga das responsabilidades; 05 (cinco) responderam que agir de má-fé é culpar outros pelos seus próprios fracassos; 01 (um) respondeu que agir de má-fé é buscar espelhar-se em outra pessoa, ter um modelo de vida, não buscar ser autêntico, conquistar coisas sem responsabilidade.

É fugir de suas responsabilidades, em geral agir de má-fé é fugir (Aluno(a) do ensino médio).

Quando seus erros te prejudicam e você culpa os outros; quando deixa de tentar por achar que não vai conseguir, quando fugimos de nossas responsabilidades (Aluno(a) do ensino médio).

É fazer escolhas erradas e culpar alguém pelo seu fracasso, é demonstrar que algo errado pode ser feito por qualquer um a partir de suas atitudes, é fazer algo que você sabe que vai prejudicar o próximo e mesmo assim o faz (Aluno(a) do ensino médio).

Culpar outras pessoas pelos seus erros (Aluno(a) do ensino médio).

Culpar outros pelo próprio fracasso, menir, agir por mando de outra pessoa (Aluno(a) do ensino médio).

Culpar outros por algo que só nos mesmos somos culpados. É fugir da responsabilidade (Aluno(a) do ensino médio).

Espelhar-se nos outros, fazer só porque o outro fez. É viver tendo alguém como modelo de vida. É conquistar as coisas sem responsabilidade (Aluno(a) do ensino médio).

O que queremos dizer quando denominamos uma ação como “de má-fé”? O que é propriamente a má-fé? Quais condutas correspondem a ela? Segundo a teoria sartriana, somos um nada de ser, que se lança rumo à fixidez do Em-si. Como pura força negativa, o Para-si requer uma negação para que se volte sobre sua falta de ser (sem isso, ele seria consciência irrefletida, continuamente). Daí sobrevém a

necessidade ontológica de um Outro que aja como força de negação sobre o Para-si, de modo a que este se descubra como pura falta de ser, no movimento de busca pelo Ser.

O nada que somos assim “se vê”, e se vê como equilíbrio passageiro diante de inúmeras possibilidades, que dão sentido à vida, desde que opte, de alguma maneira, diante do quadro que as possibilidades desenham. Essa gama de possibilidades nos angustia, porque temos, necessariamente, de *escolher a escolha livre*, ou escolher a escolha inautêntica que se refere a um fundamento, critério, influência coisificante (para nossa liberdade, para o Para-si).

Ora, mas já escolher algo é determinar meu projeto, determinar meu Ser. A angústia faz com que exerçamos nossa liberdade; só nos tornamos autenticamente livres quando reconhecemos como inevitável a capacidade e a “tarefa” de escolher até mesmo a de escolher não escolher. Se, porventura, como dissemos, diante dessas possibilidades, alguém não quer determinar-se diante delas, não quer passar pelo processo da angústia, acaba negando a raiz da angústia.

E, então, transfere o fundamento, ou o sentido de sua escolha, para um critério ou fonte de poder, nega sua condição de ser-nadificado, foge às determinações, às escolhas. Diz, então: escolho assim porque é a vontade de Deus; escolho assim porque é preciso me sacrificar por meus filhos; faço-o porque me ameaçam de morte. Perceba-se: nessas respostas, a escolha é responsabilidade de um Outro. Mesmo quem faz o certo e age de boa vontade, foge de ser fundamento de sua escolha, ou de ser o único responsável por ela, é um Ser (Para-si) que se posta desde a má-fé.

Um Ser que não quer ser consciência, que, sendo-o, não quer ser Para-si, nega sua condição de liberdade, nega o fundamento mesmo de sua existência. Pensemos moralmente no conceito de má-fé. Como podemos pensar a má-fé a partir de um âmbito moral? Ora, vimos que exercer uma moral implica, antes de tudo, comprometer-se. Só construo minha moral desde o momento em que escolho o que julgo bom ou bem pra minha vida. Mesmo que as escolhas então tomadas, não correspondam ao bem e o bom da maioria das pessoas. A posição que se toma, a escolha que se faz, determina aquele que escolhe moralmente como um sujeito pensante capaz de se posicionar diante dos fatos. Revela-se, pois, como um sujeito capaz de agir e concretizar suas escolhas. Se um sujeito escolhe não escolher, não

se angustiar, ficar na situação que lhe é dada de imediato, este, que nega os processos de sua existência, está, por sua vez, agindo de má-fé.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ensino de filosofia no ministério e campo educativo deve assumir seu lugar, o lugar de provocar os indivíduos a ressignificação da consciência; construir através de uma fundamentação crítica, uma consciência entrelaçada com realidade e lutas sociais, que objetiva desvelar um sistema opressor das camadas menos favorecidas em nosso país.

Sartre convoca a filosofia existencialista como instigadora e provocadora de um pensamento autônomo e responsável, prerrogativas para a criatividade e a inovação. Esta enxerga a existência como forma de ser e existir do próprio ser humano. O ser humano, somente ele, possui uma existência única e individual, ele é o único a ter relevância enquanto indivíduo dentro de sua espécie.

O existencialismo percebe o ser humano como aquele que vai além do simples momento do processo de uma razão oníabrangente ou uma dedução do Sistema. Não há na realidade correspondência com a racionalidade, assim o ser existente, aquele próprio de quem filósofa, finito que é, jamais poderá ser reduzido a deduções lógico-conceituais. Poder-ser, ou seja, possibilidade sempre norteará, constituirá a dinâmica da existência humana. Não há nada acabado, pronto ou certo. O homem será aquilo que afirmarem ser, se realizam fora de si, segundo suas escolhas em direção à “automodelagem”.

Assim, com base nesta dinâmica existencialista, podemos enumerar algumas provocações. Em primeiro plano temos o exemplo do professor-filósofo torna-se seu testemunho de vida sua conduta em sala de aula está pautada pela sua concepção de filosofia ensinada aos seus educandos; em segundo, o ser humano que foi lançado no mundo e descobriu a si mesmo diante deste fato, pesa sobre uma imensa responsabilidade: ele existe e deve dar conta desta existência e de todas as suas exigências. Isso vale também para educação, para os estabelecimentos e instituições de ensino, no tocando ao currículo escolar que não se faz sozinho, sem diálogo. E último provoca professores a uma reflexão sobre a necessidade de teorias filosóficas libertadoras, emancipadoras, na superação da barbárie em nossa sociedade.

Sartre se entrelaça com a educação, mesmo que seja de forma implícita, sustentando, que a mesma deve ser libertadora, onde o professor filósofo através da filosofia e seu ensino pode tanto ensinar, quanto aprender com seus alunos em

relação contínua de ensino-aprendizagem. A educação em Sartre também é conhecida como progressista, onde o centro não é o professor, e sim o aluno. O papel principal do professor é o de auxiliador onde ensina deve receber orientações para desenvolver sua liberdade e sentir livre, sendo ele mesmo, compreendendo todas prerrogativas e consequências que uma escolha boa e má podem trazer a sua existência.

Chegamos à conclusão que a filosofia existencialista de Sartre pode sim ser o fundamento epistemológico de um projeto educacional e o mesmo pode ser desenvolvido no piso escolar. E o caminho para tal projeto se encontra na estrutura do próprio ser humano, apresentada por Sartre. Sua filosofia nos ensina sobre liberdade, autenticidade, responsabilidade e inúmeros fatores correspondentes a estrutura humana que não cabem elucidá-las aqui por sua extensão. E toda estrutura humana é construída com indispensável e incômoda presença do Outro que o provoca a julgar suas ações e lançar-se para o futuro buscando através da líber uma qualidade de vida melhor.

Assim, deixo para o leitor e para os especialistas da área a tarefa, se isso valer à pena, de buscar as devidas respostas faltantes. O mais importante no que se refere ao processo educativo, é buscar entender e jamais trair um pensamento, qualquer que seja ele. Concluo afirmando que é possível então assegurar que a contribuição da filosofia para formação humana ocorrerá na medida em que esta se faz práxis pedagógica libertadora.

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, Nicola. **História da Filosofia**. Lisboa, Portugal: Presença, 1984. (v. XIV).
- ADORNO, Theodor. **Educação e Emancipação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.
- BARNES, Hazel E. **Existentialist ethics Chicago**. Chicago: University of Chicago Press/Phoenix, 1967/1978.
- BUCKINGHAM, David. Precisamos realmente de educação para os meios? **Comunicação & Educação**. v.17, n. 2, jul/dez 2012, p.41-60. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/comueduc/issue/view/5194>. Acesos em: 12 ago. 2019.
- BURSTOW, Bonnie. A filosofia sartreana como fundamento da educação. **Educação & Sociedade**. 1999, v. 21, n. 70. p. 103-126. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-73302000000100007>. Acesso em: 7 Out. 2019.
- CERVO, Amado Luiz. BERVIAN, Pedro Alcino. **Metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Prentice Hall, 2002.
- CHAUI, Marilena. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ática, 2000.
- CODO, Wanderley. **O que é alienação?** 10 ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- CONTAT, Michel. RYBALKA, Michel. **Sartre: bibliographie 1980-1992**. Paris: CNRS Editions, 1977.
- COX, Gary. **Compreender Sartre**. Tradução de Hélio Magri Filho. 2. ed. Petrópolis RJ: Vozes, 2010.
- FOULQUIÉ, Paul. **O existencialismo**. trad. J. Guinsburg. 2. ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1975.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. 31. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005.
- HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **A fenomenologia do espírito**. São Paulo: Abril S. A., 1974
- HONNETH, Axel. **Verdinglichung**. Eine anerkennungstheoretische Studie. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 2005.
- HORKHEIMER, Max. **Teoria crítica: uma documentação**. Tomo I, São Paulo, S.P.: Editora Perspectiva/ Edusp, 1990.
- HUISMAN, Denis. **História do Existencialismo**. Bauru, São Paulo: EDUSC, 2001.
- HUSSERL, Edmund. **Méditations Cartésiennes**. Paris: J. Vrin, 1966.

MINAYO, Marília Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

MOUTINHO, Luiz Damon Santos. **Sartre: existencialismo e liberdade**. São Paulo: Moderna, 1995. (Coleção logos).

PERDIGÃO, Paulo. **Existência e liberdade**. Uma introdução à Filosofia de Sartre. Porto Alegre: L&PM, 1995.

PEREIRA, Deise Quintiliano. **Sartre fenomenólogo**. Estudos e pesquisas em psicologia, UERJ, Rio de Janeiro, v. 8, n. 2, 2008, p. 277-288. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/download/10744/8339>. Acesso em: 22 set. 2019.

POPPER, Karl Raimund. **Conhecimento objetivo: uma abordagem evolucionária**. Belo Horizonte: Itatiaia. São Paulo: EDUSP, 1975.

SÁNCHEZ VÁZQUEZ, Adolfo. **Filosofia da práxis**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

SARTRE, Jean-Paul. **A questão judaica**. Trad. de Mário Vilela. São Paulo: Ática, 1995.

SARTRE, Jean-Paul. **As Moscas**. Trad. Caio Liudvik. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

SARTRE, Jean-Paul. **Critique of the dialectical reason: A theory of practical ensembles** Johnathan Red (ed.) e Alain Sheridan Smith (trad.). Londres: Humanities Press, 1976.

SARTRE, Jean-Paul. **Em defesa dos intelectuais** Trad. de Sérgio Góes de Paula. São Paulo: Ática, 1994.

SARTRE, Jean-Paul. **Existentialism and human emotions**. Trad. de Haxel E. Barnes. Nova York: Philosophical Library, 1984a.

SARTRE, Jean-Paul. Jean-Paul. **O ser e o nada: ensaio de fenomenologia ontológica**. Trad. Paulo Perdigão. 5 ed, RJ: Vozes, 1997.

SARTRE, Jean-Paul. **L'être et le néant: Essai d'ontologie phénoménologique** Paris: Librairie Gallimard, 1942. (Coll. Bibliothéque des Idées).

SARTRE, Jean-Paul. **O existencialismo é um humanismo**. Petrópolis RJ: Vozes, 2013.

SARTRE, Jean-Paul. **Questão de Método**. In: J.-P. Sartre. São Paulo: Nova Cultural, 1987. p. 109-191. (Os Pensadores).

SAVIANI, Dermeval. **Escola e democracia**. 27. ed. Campinas: Autores Associados, 1993. (Polêmicas do nosso tempo).

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Educação, sujeito e história**. São Paulo: Olho d'Água, 2002.

SOUZA, Ilcéia Heiderscheidt. **O eu e as relações**. Série Psicologia Existencialista. Florianópolis: Edições Nuca, 1987.

TEDESCO, Juan Carlos. **Educar em la Sociedad del Conocimiento**. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2009.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. Três enfoques na pesquisa em ciências sociais: o positivismo, a fenomenologia e o marxismo. In: **Introdução à pesquisa em ciências sociais**. São Paulo: Atlas, 1987. p. 31-79.

ANEXO A – QUESTIONÁRIO APLICADO AOS ALUNOS DE FILSOFIA DO ENSINO MÉDIO DA ESCOLA E.E.M. GOVERNADOR ADAUTO BEZERRA NA CIDADE DE MASSAPÊ - CE

QUESTIONÁRIO APLICADO AOS ALUNOS DE FILSOFIA DO ENSINO MÉDIO DA ESCOLA E.E.M. GOVERNADOR ADAUTO BEZERRA NA CIDADE DE MASSAPÊ - CE

QUESTIONÁRIO DE FILOSOFIA

Nome: _____ Ano: _____

1. Como você define o ser humano que está no mundo?

2. O que poderia significar para você a existência?

3. Para você, o que significa Liberdade?

4. Você tem um projeto pessoal de vida? Se não. Justifique sua resposta.

5. Quando você comete um erro grave, gerando consequências ruins, qual sua atitude?

6. Qual padrão, o modelo que você usa para tomar suas decisões e fazer suas escolhas?

7. Você se considera responsável?

8. Você acha que seu destino já está traçado por Deus? Se não. Justifique sua resposta.

9. Por que frequenta a escola?

10. O que é agir de má-fé?

ANEXO B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ****Instituto de Cultura e Arte – ICA****Programa de Pós-Graduação Profissional em Filosofia - PROFFILO****TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)**

Você está sendo convidado por Cleyton Gomes Carneiro, mestrando do Mestrado Profissional em Filosofia da Universidade Federal do Ceará como participante de uma pesquisa. Você não deve participar contra a sua vontade. Leia atentamente as informações abaixo e faça qualquer pergunta que desejar, para que todos os procedimentos desta pesquisa sejam esclarecidos.

A pesquisa intitulada **REFLEXÕES SOBRE PROJETO DE VIDA E SUA CONSTRUÇÃO: A CONTRIBUIÇÃO DA FILOSOFIA EXISTENCIALISTA DE SARTRE JUNTO AOS ALUNOS DO ENSINO MÉDIO** tem como objetivo principal propor um espaço onde os alunos do ensino médio do município de Massapê - CE possam pensar com base na filosofia existencialista de Sartre suas escolhas e consequências. A participação envolverá responder um questionário (enviado por via digital) e participar dos encontros com outros colegas, formando um grupo focal. Esses encontros acontecerão em datas posteriormente combinadas com o grupo e o local será nas dependências da escola. O tempo de duração para os encontros está estimado em 01 (uma) hora para cada um. Salienta-se que todas as informações coletadas através da sua participação não permitirão a identificação da sua pessoa, exceto aos responsáveis pela pesquisa, e que a utilização e/ou divulgação das mencionadas informações será somente para essa pesquisa. Salienta-se também, que não será remunerado (a) por participar da pesquisa, sendo a sua colaboração de forma gratuita.

Os benefícios que este estudo lhe trará, como participante, contribuirão para o seu crescimento pessoal de suas vivências e boas escolhas no futuro próximo.

Quanto aos riscos que este estudo possa lhe causar, acrescenta-se que

serão mínimos; poderá acontecer de nos encontros haver discordância, por parte dos colegas, dos seus posicionamentos ou mesmo algum constrangimento por alguma situação exposta. Mas, serão situações que poderão ser imediatamente contornadas pelo pesquisador, que salientará sempre no grupo os aspectos éticos e solidários, de forma que ocorrências dessa natureza sejam facilmente contornadas, mantendo-se o caráter respeitoso e colaborativo entre os participantes.

Destaca-se, ainda, que a qualquer momento, você poderá recusar a continuar participando da pesquisa e, também poderá retirar o seu consentimento, sem que isso lhe traga qualquer prejuízo. Porém, sua participação em todo o processo será de fundamental importância para que se possa alcançar os objetivos dessa pesquisa.

Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma via será arquivada pelo pesquisador responsável, e a outra será fornecida a você.

Endereço da responsável pela pesquisa:

Nome: Cleyton Gomes Carneiro

Instituição: Universidade Federal do Ceará /Instituto de Cultura e arte

Endereço:

Telefones para contato:

ATENÇÃO: Se você tiver alguma consideração ou dúvida, sobre a sua participação na pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da UFC/PROPESQ – Rua Coronel Nunes de Melo, 1000 - Rodolfo Teófilo, fone: 3366-8344/46. (Horário: 08:00-12:00 horas de segunda a sexta-feira).

O CEP/UFC/PROPESQ é a instância da Universidade Federal do Ceará responsável pela avaliação e acompanhamento dos aspectos éticos de todas as pesquisas envolvendo seres humanos.

O abaixo assinado _____, _____ anos, RG: _____, declara que é de livre e espontânea vontade que está como participante dessa pesquisa.

Eu declaro que li cuidadosamente este **Termo de Consentimento Livre e Esclarecido** e que, após sua leitura, tive a oportunidade de fazer perguntas sobre o seu conteúdo, como também sobre a pesquisa, e recebi explicações que responderam por completo minhas dúvidas. E declaro, ainda, estar recebendo uma via assinada deste termo.

Massapê, _____/_____/_____

Data: _____/_____/_____

Pesquisador

Data: _____/_____/_____

Participante da pesquisa